

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueiredo

GERENTE:

A. da Silva Chaves

ANNO XXIII | Brasil — Rio de Janeiro, Julho de 1936 | N.º 266

S U M M A R I O

Aviso aos nossos leitores. 1

SEÇÃO DE LITTERATURA, HISTORIA E GEOGRAPHIA

O espirito de Sacrificio — Dr. James Darcy 2

SEÇÃO DE INFANTARIA

Conselhos para resolver uma situação tactica — Cap. A. da Silva Chaves. 22

Curso de tiro — Cap. Almerio de Castro Neves. 31

SEÇÃO DE ARTILHARIA

A contra-bateria — Major A. J. de Lima Camara 34

SEÇÃO DE TRANSMISSÕES

Demonstração de reparafinagem do cabo de campanha —

Cap. Malan. 52

SECÇÃO TECHNICA INDUSTRIAL

Methodo Leduc — <i>Cap. Fragata A. Falcão</i>	57
Mauricio de Nassau e a fortificação — <i>Major Paulo B. Amarante</i>	64

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Um programma pedagogico <i>Cap. S. Sombra</i>	67
---	----

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

O Marxismo, inimigo commum!—1º ten. <i>H. O. Wiedspahn</i>	77
--	----

NOTICIARIO E VARIEDADES

Discurso pronunciado na E. Av. M. por occasião da inauguração das photographias dos officiaes mortos em novembro de 1936 — 1º Ten. <i>Affonso Maglio</i>	84
O Dia do Soldado.	91
Bibliographia.	94
Como se conta a historia.	96
O elogio do exercito.	98

AVISO AOS NOSSOS LEITORES

Com o incendio da Casa Editora Henrique Velho foi destruida totalmente a revista do mez de julho que já se achava prompta, prestes a ser distribuida, e ainda mais, os originaes correspondentes ao numero de agosto.

Incontinenti foram tomadas providencias para fazerem-se as revistas correspondentes aos mezes citados em duas outras typographias, de modo que no decorrer do mez de agosto sejam distribuidas ambas as revistas, regularizando a remessa que até então vinha se fazendo normalmente.

Entre os originaes devorados pelo incendio perdemos os dos autores abaixo, aos quaes pedimos a fineza de enviarem novos: Cel. L. G. Borges Fortes, Cap. Emilio Maurell Filho, Cap. Arthur Seixas (só o croquis), Capitão Amaury Kruel, Cap. Ferlich, Cap. Ladario, Cap. da Missão Americana Hodenthal, Cap. Pompeu Monte (só o grafico), Cap. Baptista de Mattos, Cap. Marcondes Filho, Cap. Moacyr Marroig, Ten. Amaral (da reserva), Major Portocarrero, Cap. Aurelio Lyra (dois artigos).

Além dos artigos assignados, foram perdidos muitos outros editoriaes, entre os quaes uma noticia sobre o aniversario do 10º Batalhão de Caçadores e duas paginas de photographias, relativas ás commemorações do juramento á Bandeira dos conscriptos da Artilharia de Costa e da entrega do labaro da Patria ao 14º Regimento de Infantaria.

LITERATURA · HISTÓRIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

O ESPIRITO DE SACRIFICO

Conferencia feita pelo Dr. James Darcy na Liga da Defesa Nacional, em 24 do corrente

Reflectindo sobre o thema que hoje devo desenvolver, jámais me passou pela mente restringir-lhe a amplitude. Não quizera evocar apenas lances extremos, momentos culminentes para reaccender diante de vossos olhos a pyra em que a vida toda instantaneamente arde, projectando até as alturas as chamas que symbolizam a santa gloria dos martyres ou a gloria rutilante dos heroes.

Certos esses clarões subitaneos enchem de resplendencia os mais remotos céos. São, porém, excepcionaes. Deixando os dominios do absoluto, prefiro, pois, versar materia menos alta e sublimada, e discorrer acerca do estado d'animo em que o espirito de sacrificio se conjuga com a vontade duradoura, dominando como a linha de continuidade de uma vida, sua inspiração profunda e constante.

Por outras palavras, tratarei, não do supremo sacrificio consummado, mas da disposição da alma preparada, prompta a todo tempo, para essa prova ou provação maxima, se necessaria, e direi da capacidade de soffrer por um bem superior, qual a obediencia ao dever, em detrimento pessoal ou daquillo que amamos, sem que, todavia, se verifique a conjunctura extrema em que a existencia mesma haja de ser offerecida em holocausto.

Estimaria — confesso — poder retraçar de forma perdurável o que chamaria o estylo da vida alta, vida alta na sua essencia, não na pura apparencia, isto é, tão possivel na grandeza como na humildade.

Iniciando a serie destas conferencias civicas, é intuitivo, falo á nossa gente, mas dirigo-me particularmente á mocidade. E' através della que entrevemos o Brasil de amanhã. Não são terras cansadas. São terras virgens que prometem. Abandoná-las seria um crime.

A vida de luz e expansão ainda não envolvida na cadeia dos interesses, dos arranjos, dos compromissos que desfiguram, nem limitada pelas especializações profissionais, nessa dourada quadra em que a approximação — sempre desejada, mas raramente attingida — do real e do ideal, e como uma certeza, constitue a mocidade a mais bella das forças vivas da Nação.

Hão de ser, pois, os moços actores e não espectadores. Na exaltação, no heroísmo, no despreendimento modesto ou na vida ardua provaça devem ouvir continuamente "as vozes", as vozes que não enganam e enchem os vastos mundos da alma.

Para os que estão attentamente à escuta, os desertos mesmos estão povoados de sons. Ha nelles pausas, mas não reina um silencio sem fim. Este já seria morte. Porque, a personalidade, é essencialmente um esforço, disse Bergson. Fraco, em verdade, será o animo se o não forjar o espirito de sacrificio, que pôde ir da renuncia aos menores bens até a morte.

A Liga da Defesa Nacional entende, assim, pregar à mocidade o mais alto nível de vida, sem indagar se, nesse plano, poderá ella colher as chamadas *felicidades* ou proveitos da existencia, mas asseverando-lhe que, por essa forma, nunca faltará á sua missão.

Porque a desgraça é ter a alma vazia; o que mata é a indecisão; a vergonha é o torpor moral.

A parte mais apreciável da actividade humana não é o successo, e muito menos o successo material, baseado no calculo utilitario; é o esforço.

O enobrecimento do resultado provém justamente do sacrificio feito, das privações aceitas para consegui-lo, ou simplesmente tentar consegui-lo.

Ao ser installada esta benemerita instituição, procurando definir-lhe os intuito, dizia Olavo Bilac, um dos seus fundadores e illuminado apostolo:

"A defesa nacional — problema immenso e complexo — é tudo para a nação. E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio, a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a

sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade".

Attentae na magnitude da tarefa.

De que ardor de sentimento não necessitamos para attingir á união dos corações e á união das vontades que permitem estimular, organizar e manter, com intelligencia, constancia e fervor a sagrada defesa!

Não velleidade; vontades.

Nada de mascaras; homens de verdade.

Quizera ter autoridade. — mas se não a tenho, sobra-me experiença — para lembrar aos moços que, onde e como quer que se proceda á mais completa revisão dos valores moraes, intellectuaes, politicos, o homem é a realidade essencial; o homem medida de todas as coisas, como dizia Aristoteles.

O homem porém, não o esqueçamos, o homem é um conflito; conflito consigo proprio e com tudo e todos que o cercam.

Conflito incessante renovado que só o espirito de sacrificio logra apaziguar.

Em verdade, servir por servir, servir sem comprehensão, por amor ou covardia, é ser automato ou escravo. Mas servir, conscientemente por movimento d'alma, com fé, e num esforço incessante, illimitado dar-se todo, consagrar-se é repellir quaque quer itinerarios de evasão, é estar a postos, lucido, firme, decidido.

A virtude de obediencia, adverte um grande pensador contemporaneo, é uma alta virtude, nada tem de servil ou de cega, exige, ao contrario, a maior liberdade de espirito e o discernimento mais seguro. Pela obediencia começa toda formação. Quem não aprendeu a obedecer, não sabe mandar. A vida não é uma dadiva a fruir, mas um dever a cumprir, não raro por entre riscos e perigos. Seu objecto não é a felicidade, e menos ainda o gozo. Existem privações salutares. A cada passo surgem escolhos e espinhos providenciaes.

No seu rythmo grave e afanoso, nem sempre ha proporção entre a labuta e o ganho, a não ser o espiritual ou moral — que é aperfeiçoamento intimo. Ninguem duvide, a ordem do mundo nunca foi, nem será apenas a ordem economica. Não faltam boccas para louvar as maravilhas do progresso mate-

rial; o rendimento do trabalho mecanico; os prodigios de velocidade na terra, no mar, no ar; os milagres do automatismo, o poderio incomparavel das empresas tentaculares; a omnipotencia da divindade universal, que é o bezero de ouro. Convém, pois, seja, de quando em quando, permittido a algum solitario, já vivido, dizer aos moços — poesia do mundo — aquillo que muito importa tenham sempre presente e vem a ser: que a vida não é só accão, a vida é sonho e accão.

Caminhem firmes na terra, mas voltem tambem os olhos para as estrellas. Não abafem os ruidos e o tumulto da luta aqui emhaixo a divina harmonia das espheras. Grandes realizadores não hesitaram em compendiar a narração authentica e chronologica da sua actividade temporal sob altamente significativos como "Poesia e Verdade", "Pensamentos e Lembranças". E foram elles a negação do quietismo, antipodas dos ascetas e dos mysticos. Agiram; reagiram; fortemente batalharam. Um delles criou um imperio. Isso não obstante, o distico lapidar que elegera para resumo da ardua lida, proclama a subordinação da actividade realizadora, á inspiração espiritual, guia da vida; sagra e corôa todo o afan do mundo sensivel como uma expressão do mundo da idéa. Rendia, assim, preito ao que permanece em meio do que passa. Reonhecia o *primum mobile* de toda a energia criadora, a primásia desse eterno elemento de luz que, no immenso quadro das agitações da existencia, redoura como o sol, até mesmo as mais foscas, tempestuosas tonalidades.

Para resumir o que fizera, recorreu a termos abstractos, patenteando, assim, que á face de tudo o que edificára, fôra impresso o sopro intimo sem o qual não teria levantado a construção grandiosa.

E o outro que foi olympico, cujo olhar embbeido da imensidão da realidade tudo penetrou para eternizar a alta experienzia — feitos e imagens, fórmas que a sua personalidade potente plasmou no mundo concreto — não pôde conceber a realidade senão entrelaçada á poesia. "Poesia e Verdade", tal a synthese suprema que, como inscripção liminar de um templo, elle proprio gravou na frontaria do monumento erigido á sua vida e á sua obra. Inexacta e apagada se lhe afiguraria a enumeração de factos e aventuras, detalhes e episodios se a in-

teira estrada percorrida não nol-a apresentasse illuminada pelas projecções radioas do espirito.

Porque — é innegavel — toda a actividade — obras, gestos, palavras — emana desse fóco interior de energia e criação que imagina e produz, e ainda ordena e recompõe numa unidade fundamental, as marcas indeleveis que o homem, nas circunstancias mais diversas consegue imprimir á materia que lhe foi dado trabalhar, e portanto, animar.

O acto é muito, mais errado andaria quem pretendesse attingir a curva interior da grande obra que é uma grande vida levantando em conta apenas os acontecimentos exteriores. Iludido, não veria esse mais que a méra apparencia, o envoltorio vasio, de que o espirito teria escapado. Nada é isolado, em nós mesmos, ou na natureza. Tudo é um; um é tudo.

Na "Mecanica do Espírito" de Walter Rathenau ha uma passagem esplêndida. Pergunta elle "Morrer é possível"? e responde: "E' só por erro, e por não considerar a criação no seu conjunto, que nos convencemos da realidade da morte. Os anmorrer mas a arvore vive. Caia embora a arvore, a flores morre mas a arvor evive. Caia embora a arvore, a floresta continua; morre a floresta, a terra que nutre, aquece e absorve suas criaturas, não cessa de verdejar. Congele-se o planeta, mil mundos semelhantes brilharão aos raios de novos sóes. Nada que é organico, morre; tudo se renova, e Deus que de longe olha, contempla o mesmo espetáculo, a mesma vida a milhares de annos de intervallo. No conjunto do mundo visivel nada conhecemos que seja mortal. Qualquer coisa que fosse mortal não seria capaz de nascer. Certamente, tudo o que está sujeito a uma finalidade, tudo o que se esforça e luta, acaba por se gastar, e o mundo material e organico só é concebivel graças a uma perpetua mudança de substancia, desde o mecanismo do corpo até o mecanismo do atomo. Mas essa evolução assemelha-se tanto á morte, como a esta o desenvolvimento da planta, o qual tambem seria impossivel sem uma constante mudança de materia. O conceito da morte decorre duma falsa direcção do olhar que se volta para uma parte em vez de contemplar o todo. Nada de essencial no mundo é mortal". Tudo — repito tende á unidade, á totalidade.

"No homem, disse Nietzsche, criatura e criador se fundem; no homem, ha a materia, o fragmento, a superabundancia, a argilla, o lodo, a loucura, o caos; mas no homem ha tambem o criador, o escultor, a dureza do martello e a contemplaçao divina do setimo dia".

De facto, a individualidade physica só tem significação definitiva quando se transforma em personalidade moral.

Assim, as verdades maximas emanam dos impulsos dalmá e o poder desta mede-o a profundezas dos sentimentos.

Eis porque a Liga da Defesa Nacional confiantemente exhorta a mocidade do Brasil ao esforço heroico no sentido de uma incessante elevação afim de que a pluralidade dos seus actos seja regida pela unidade do mais alto proposito e a vitalidade de que é provida se converte na mais rica productividade. Li, faz muito tempo, este pensamento que nunca mais esqueci: "O caracter já é um destino". Ora, o caracter impõe deveres, e o primeiro desses é a defesa da sua constância; a resistencia a tudo o que possa destruir-o. E' preciso, pois, perseverar. "O que hoje não atinge à perfeição, attingil-o-ha em uma nova tentativa; nada é vão, exclamava Novalis, porque através de innumerias transformações tudo se renova sempre em fórmas cada vez mais ricas. "O trabalho, lei da vida, não tem só como finalidade o dia de hoje. Trabalhamos tambem para amanhã, para as gerações futuras.. Precisamente a sua maior nobreza está em trabalharmos sem interesse directo ou immedioato.

Tudo, em verdade, se conjuga. Tudo continua. Nada se perde.

A aspiração de uma vida longa, em si, seria lamentavel. Ha dias e horas que contam; e dias e horas vazios, sem significação. Não seriam muitos os que podessem dizer, passados os oitenta annos, como o genio de Weimar: "Eu conheço a felicidade de ver-se me abrirem na minha alta idade, idéas para seguir e realizar as quaes valeria a pena recomeçassemos a vida".

A' extensão não importa. Seja de ação, seja de contemplação, a vida bella é a vida profunda, afinada pelo mais alto diapasão.

Como reconheceu Byron "embora as profundezas não possam ser sondadas, o homem — seja o que fôr — teve um cria-

dor, e, como elle todas as coisas remontam á sua fonte, mesmo que se hajam de perder num oceano".

Tenhamos fé, Deus continuará perpetuamente a agir nas naturezas superiores afim de atrahir para estas as inferiores. Ha tambem uma lei de gravitação dos espíritos. Inexaurivel é o thesouro das grandes acções e dos pensamentos immortaes. A duração desses valores não é só perenne, incessantemente se renova e aumenta. Banhae-vos, moços nessas aguas lustraes; lançae-vos a essas correntes divinas, através das quaes, numa ascenção continua, a alma vae passando a fórmas cada vez mais bellas.

Certamente, vós nos appareceis como uma antecipação do porvir, mas sois feitos do nosso passado e retemperados no nosso presente.

A continuidade da alma nacional é infrangivel.

A tradição nos prende uns aos outros, na successão dos dias incontaveis. Vem de longe e perdurará. Esquecel-a, trahil-a, seria um principio de morte. Rotos e dispersos rolaríam na anarchia e na dissolução. O que foi, em todo tempo, a alma brasileira, o que foi e é a nossa alma — o conjunto de pensamentos e sentimentos essenciaes, que nos moveram sempre, não se esvae em fumo; accumula-se, eterniza-se agirá sobre todas as fórmas de pensar e sentir dos nossos vindouros. As grandes noções de patria, ideal, honra, dever, sacrificio — todos o sentem — estão terrivelmente ameaçados neste aspero momento. Vençamos, porém, o terror de perdel-as. Ellas não morrerão.

O firmamento e a terra envolver-se-iam, na treya, a alma humana succumbiria asphyxiada, o coração das criaturas transformar-se-ia em dura penha, se rolassem no abysmo esses astros esplendentes da vida moral. Na desolação de tudo, não restaria mais uma restea de luz. Mas, como defendel-as? Como salval-as? Vivendo e morrendo pro tão sublimes motivos de viver e morrer. Cinjamos a mais rutilante armadura, ponhamos o elmo, levantemos as lanças e as espadas do ideal e do dever, e voemos viris, vivazes, vingadores sobre as hordas invasoras. Fé, entusiasmo, bravura! Para traz os neutros. O que é morno — nem frio nem quente — rejeite-se sem hesitação.

"No principio era o verbo, disse São João. No principio, respondeu Gœthe, era a acção. No principio e no fim, conclue Papini, é o movimento".

Em quanto validos, não ha época da vida em que seja licito o descanso na hora de combater. E a juventude, essa então é convocada á mais assidua, destemida e desinteressada intervenção na vida nacional. Resistamos, defendamo-nos, e defendendo-nos, ataquemos decididamente tudo o que nos ameaça da ruina e esphacellamento. Fustiguemos, vergastemos a onda negra que investe temerosa, e cujos primeiros sinistros embates tanto já nos fizeram soffrer.

E de onde nos vêm os pregoeiros e emissarios do rubro credo? "Dum povo sem experientia historica, que não teve idade media, ao qual faltou a longa e laboriosa educação dos povos europeus.

Uma brutal barbaria, primeiro; lutas de tribu a tribu, que ainda continuavam dois ou tres seculos após haverem cessado no occidente; depois um christianismo viciado pelo espirito do Baixo-Imperio; e antes que esse germe tivesse tido tempo de desbrochar, a invasão mongol, o refluxo para a Asia, tudo seguido de quatrocentos annos de dominação estrangeira sob o jugo feroz dos grandes *khans*, tartaros, que amoldaram os seus subditos aos costumes degradantes dos despotas orientaes — tal foi a juventude desse povo, que só sahiu do paganismo para ser colonizado pelos asiaticos invasores. Esta e outras paginas do autor admiravel da Defesa do Occidente merecem ser reproduzidas. Divulgá-las é um dever.

"A Russia, continua elle, não conheceu essa adolescencia das nações, época das grandes paixões collectivas, essa idade de actividade exuberante, de exaltação das forças moraes, cuja memoria se transmite ás gerações futuras para seu ensinamento e beneficio.

Os primeiros annos passou-se numa especie de estupor immovel, e até a aurora dos tempos modernos, se abysmava ainda em plena fermentação cahotica. Está apenas ha cinco seculos da invasão dos Barbaros, enquanto a velha Europa passou por essa crise mais de quatorze seculos.

Uma civilização mil annos mais antiga põe uma distancia incommensuravel entre os costumes das nações. E' essa diffe-

rença fundamental o traço dominante que isola o povo russo. o sitúa num clima de vacuo, separa-o dos destinos históricos do resto da humanidade. Ninguem melhor do que Tchaadáieff exprimiu o trágico destino da sua raça, posta como fóra do tempo, e a quem a educação universal do gênero humano não pôde atingir: "Vindos ao mundo, como filhos ilegítimos, sem herança, sem laço com os homens que nos precederam na terra, nada há em nossos corações dos ensinamentos anteriores às nossas próprias existências. O que é hábito, instinto nos outros povos, temos de fazer entrar em nossos cerebros a golpes de martelo. Somos, por assim dizer, estranhos a nós mesmos. Caminhamos tão singularmente no tempo, que à medida que avançamos, o que sabíamos na véspera perdem o irreparavelmente no dia seguinte. Crescemos, mas não amadurecemos. "Assim, a inteligência russa jamais encontrou esse patrimônio de idéias hereditárias, de noções adquiridas que ligam o presente ao passado e conferem ao espírito elasticidade e maestria".

"Respeito do passado? indaga Herzen. Mas qual é o ponto de partida da história moderna russa, senão a inteira negação da tradição? Nós somos independentes porque nada possuímos; nada que pudessemos amar.

Nas velhas nações ocidentais o passado está tão vivo como o presente. Nós, somos tão independentes no tempo, como no espaço. Não temos lembranças que nos prendam, nem herança que imponha deveres.

Estranha situação de uma gente para quem a experiência das idades parece nulla, como se houvesse sido revogada ali a lei geral da humanidade.

A história de um povo não se compõe unicamente da série de factos que se sucedem no tempo; é ainda uma sequência de idéias que se encadeiam e se inscrevem no mais profundo das almas. Um pensamento, um princípio, aí hão de circular, desenvolvendo-se através dos acontecimentos e dando-lhes um sentido.

Quem quiser compreender o estranho destino do povo russo deve interrogar a sua história religiosa pois que até o século passado a religião foi a única linguagem em que elle pôde se exprimir. Privado, por falta dos seus chefes espirituais de uma luz doutrinal verdadeiramente vivificante, sem

qualquer direcção moral e religiosa, salvo no que concerne á execução mais ou menos restricta, da parte exterior do culto, afundou-se em superstições que lhe mascaravam a genuina fé, assaltado por terrores morbidos e desarrazoadas inquietações que dolorosamente o abalaram.

As mais estranhas aberrações, propagadas por seitas inúmeraveis, apossaram-se da sua alma avida e atormentada. Durante centenas de annos não teve instrução religiosa. Não seria possível falar de cultura a propósito do ritualismo quasi todo formalista dessa Igreja ortodoxa para quem a tradição byzantina foi apenas um princípio de estagnação e de hostilidade a todo desenvolvimento.

Segregada da fraternidade universal pelo schisma de Photius; largo tempo á margem dos centros do mundo christão por motivo da invasão mongólica; afastada das fontes christãs como das fontes antigas pelo emprego da liturgia sclavonia; não tendo linguagem *communum*, nem autoridade soberana, a Igreja russa foi mantida fóra do grande movimento unitário em que se formulou a idéa *catholica*".

Conta, é certo a historia religiosa ali alguns ascetas e místicos, monges aliás mais aparentados com os lamas do Thibet do que com os santos da Igreja latina. Mas, para o povo russo os modelos de religiosos são: ou o anachoreta do deserto, o stylita na sua columna, ou o *gymnosophista* christão, vestido da sua longa barba que figura nas pinturas dos conventos moscovitas; ou os santos enterrados vivos nas catacumbas de Kiew.

As luctas religiosas que dilaceram a Russia e suscitaram uma multidão de seitas, nunca provieram de grandes questões dogmatica ou de moral. Não o racionalismo, o irracionalismo é que foi o princípio dessas heresias. O *raskolnik*, o *starovéro*, é o moscovita que repelle a Europa para continuar asiatico. Esses reflectarios personificam a oposição da Russia ao Occidente, a resistencia de um povo, isolado pela geographia e pela historia, como encerrado na sua propria imensidão, não conhecendo, e não querendo conhecer senão a si mesmo. Faltou-lhe esse conjunto de noções geraes — sentimentos e idéas — que penetram até o ar que respiramos; e informam já o nosso ser moral, antes mesmo que tenhamos nascido. Nem tradição, nem critica, nem experiência, nem previ-

são; uma especie de naturismo mystico que o predispunha a soffrer o ascendente das negações mais elementares. Desde o "Contracto Social" e as antinomias de Kant, até o eu absoluto de Stirner e o materialismo historico de Karl Marx — não houve chimera que não acolhesse com uma especie de sombrio ardor logico".

Ha mais de setenta annos, Michelet escrevia: "quando se diz que um de nós occidentaes duvida, é sceptico, não é isso verdade em absoluto. Pôde alguém duvidar em historia, e ser firme crente em chimica, em physica. Todo homem aqui tem fé n'alguma coisa. A alma nunca está vaga. Mas, no mundo russo, barbaro conservado vasio de espirito, e que o é por tradição, si esse estado durasse, e o homem vencesse a duvida, nada o deteria, não haveria contrapeso, assistiríamos ao espetáculo tremendo duma demagogia sem idéa sem principio nem sentimento, um povo que marcharia para o Occidente, num movimento cégo, tendo perdido a alma, a vontade, batendo ao acaso, automato terrivel, como um corpo morto galvanizado — que fere e pôde matar ainda". Quando, ha pouco, a Russia se voltou para o Oriente de que ella tem o instineto herdado do rude senhor tartaro, alentado por um contacto secular, foi lhe dizer: "A Russia estende a mão á Asia, não afim de que ella espouse o seu ideal, ou partilhe das suas concepções sociaes, mas porque os oitocentos milhões de asiaticos lhe são necessarios para abater o imperialismo e o capitalismo europeus". Estas palavras, pronunciadas por Zinoviev, no Congresso de Bakú, de 920, não passam de commentario á phrase famosa de Lenine: "Voltemo-nos para a Asia; venceremos o Occidente pelo Oriente".

Entre a Europa e nós, diz Tiouchev, não pôde haver negociações ou armisticio. Somos dois contrarios: A vida de um é a morte de outro". "Somos os Scythas que reduzirão a cinzas o mundo inteiro, porque num cyclone de chamas, na tormenta desencadeada, uma bôa nova virá, ao mundo".

Eis o Oriente violento que se encaminha para nós: oceano de sangue, de fogo, cataclysmo apocaliptico, preludio, sínistro, preludio da "bôa nova! Extremecei manes de Gengiskhan e Tamerlan, que já apareceu quem vos exceda na chacina e na devastação!

E então? Que nos cumpre? Pôde haver hesitação? Não. A postos; a postos, todos, attentos e decididos; e, na vanguarda, vós moços da nossa terra.

Em todo o tempo, os povos destinados a durar tiveram consciencia dos terrores da vida e tornaram-se mais viris para afrontal-os e vencel-os.

Releguemos ao silencio e á immobilidade os *prudentes* que sabem e vêm, mas por debilidade dalmá, nço falam, nem agem. E tambem os miserios que não sabem, nem vêm, nem ouvem, mas cegos, surdos e mudos do que as pedras das ruas. Una-se toda a nação prestante. Um povo que não tem a comprehensão dos perigos que o assaltam, está perdido. O que a tem, por maior a tormenta, está em via de salvação. Unamo-nos, esclareçam-nos, disciplinem-nos sob regras strictas, severas imperativos; affrontemos impavidos a furia dos inconoclastas, preservemos as imagens e as taboas da lei, o passado, o presente e o futuro do Brasil, levando de roldão os satanicos bandos carneiros e incendiarios.

Guie-nos o estandarte da nossa fé; move-nos o amor á nossa terra — grande, boa e bella — fadada aos mais altos destinos. Confraternizemos, communguemos nos ideaes que nos são caros, a que se prendam tenazmente as mais intimas fibras de nossa alma de brasileiros.

Custe o que custar.

Onde não entra um elemento de sacrificio nada ha a esperar de grande. Eliminada a noção de sacrificio, a humanidade ficaria bem diminuida. E' por elle que vamos ao mesmo tempo ao encontro das maiores dôres e das maiores esperanças. Das maiores dôres, tambem; é certo. E que importa se o espirito profundo é o espirito que soffre? Não constitue mesmo quasi um criterio para classificar os homens, o grão de soffrimento que são capazes de supportar? Tremenda hora — hora fatal ou radiosa — em que teremos de patentar, por um acto irreversivel, a quantidade de sacrificio que se contém em nossa alma. Hora inevitável, entretanto, e para qual devemos estar preparados.

Com efeito por mais cauteloso que seja, mais dia menos dia, o homem é forçado a manifestar o que pensa, o que quer, o que pôde; é a prova, por que hemos de passar todos, a oc-

casião que se nos offerece, para mostrarmos o quilate do nosso eu interior. Quantos secretos dramas! Que furioso entrecagar de vagas desencontradas, em silencio, sem uma testemunha! O homem só com a sua consciencia.

Louvemos, o animo que, então não se abate; a rectidão inquebrantável que não olha a proveitos e a perdas; a força moral á altura do momento.

Haja embora immolação, haverá tambem assumpção.

O sacrificio é sempre bello, mas ainda o é mais ao serviço de uma bella causa; dir-se-ia a coroação da criatura. Pois aquelles que elle arrebata a esses vertices transfiguradores da existencia, aparecem a nossos olhos no esplendor de uma apotheose ou de uma canonização.

E' a vida eterna, a sua affirmação triumphante acima da morte e das metamorphoses, através da dor sagrada, mysterio dyonisiaco, no qual o prodigioso pensador d"O Crepusculo dos Deuses" via ainda toda a criação perfeita da mais alta arte, a que é, ao mesmo tempo, a mais religiosa e a mais tragica:

"A bravura e a liberdade do sentimento diante de um inimigo poderoso, de um revez sublime, de um problema que desperta o terror, isto é, o estado victorioso que o artista tragico escolhe e glorifica. Diante do tragico o que ha de guerreiro em nossa alma celebra as suas saturnaes; o homem heroico exalta, na tragedia, o destino daquelle que se habituára ao soffrimento, e procura o soffrimento e a elle, só a elle, o poeta tragico offrece a taça dessa crudelade, que é a mais doce".

Toda a nossa historia desenrola-se sob um firmamento constellado: heroinas, heroes, santos, justos, sabios. O Brasil é de hontem, mas a tradição das suas glorias, constitue já um invejável patrimonio.

O pragmatismo estreito da nossa época esbarra amesquinado ante essas montanhas de luz. E é incapaz de arrojar-se a tão altas regiões.

O peso da materia chumba-o em baixo, no chão, colossal, mas impotente para a ascenção. Não tem azas. Nem as haveria sufficientemente pujantes para transportal-o aos mundos onde reina a espiritualidade que se espraia em ondas e ondas cada vez mais largas, até fundir-se nesses longes de universal poesia que, por toda a parte, envolve, e parece banhar as realidades

mesquinhas da vida. Sendo o homem, como diz Berdiaeff um asynthese do tempo e da eternidade, mas umas asynthese oscilante que ora se eleva para a eternidade, ora recahe sob o imperio do tempo, voltemo-nos para

“...aqueles que por obras valerosas
se vão da lei da morte libertando”.

Agora mesmo estamos ás vesperas do centenario de Carlos Gomes. E' um alto exemplo. Para ser fiel a si mesmo, ao seu glorioso destino, renunciou a muita apetecida coisa, a começar pelos tão cobiçados beneficios materiaes.

Mas, renunciando, aperfeiçoou-se, elevou-sq. cobriu de gloria seu nome e a nossa terra, e a tudo que é brasileiro, e ao seu proprio soffrer, deu, num canto eterno, a mais grandiosa orquestração.

“Cantam nos seus poemas, disse tão bellamente ha poucos dias, Carlos Maul, as vozes esparsas da nossa natureza — ca-choeiras, rios, florestas, feras e aves — de que elle soube fazer uma synthese nas suas symphonias soberbas. Carlos Gomes é um heróe que se distingue pelo mysticismo da Patria. Tudo em sua obra respira a atmosphera do Brasil, as suas accões se orientam no sentido da sua terra, e as contrariedades e desenganos como que lhe revigoram o animo, não confundindo nunca a incomprehensão dos homens com os seus ardores de cidadão. O aplauso estrangeiro não lhe amolleceu a fibra leonina, e em todas as oportunidades em que a fortuna lhe sorria ao preço do esquecimento da Patria, elle ficou com a penuria para não deixar de ficar com a sua nacionalidade”.

Sua vida é um poema altissimo em que o homem doloroso, transfigurado no artista triumphante, que tanto soffrera, mas tudo venceu, penetra afinal, glorioso, os porticos da immortalidade.

Ainda me lembro. Faz muitos annos, era eu estudante: a urna funeraria que encerrava o seu corpo, transportado desde o Pará, onde se finára, até Campinas, seu berço e seu tumulo, atravessava esta cidade numa inenarravel apotheose. A proto-phonia phantastica estrugindo em metallicas fanfarras alternava com as limpidas, maviosas vozes das alumnas do Instituto de

Musica, todas de branco, de um alvor ideal, sob os fluidos véos, engrinaldadas como para a primeira communhão — translúcidas, vaporosas formas, dir-se-ia de uma procissão etherea, côco angelico, profusão de lyrios celestes, que fosse levantado para as alturas, na sua fragancia, entre hosannas, o grande cantor adormecido...

De quando em quando o cortejo parava. Numa das estações, junto á carreta que conduzia já á ultima morada o corpo de Osorio, o heróe, e cujos cordões a multidão disputava, coube-me falar pelos moços de ha quarenta annos. Que emoção em todos nós! Que vibração patriotica!! Como nos sentíamos exaltados, enobrecidos naquella glorificação! Quasi envergonhados da miseria do dom, offereciamos o que possuímos. Parecia nada — quando a vida infinita estendia-se diante de nós, — hoje que lhe conhecemos a estreiteza, sabemos que é tudo: a pureza dos sentimentos na sua immaculada effusão.

A carreta fôra conduzida através de ruas e ruas. A's suas rodas haviam adherido a areia e os cascalhos do longo caminho. A tensão nervosa do orador dos moços era tal, que ao gesticular, batia seguidamente, com força numa das rodas. Mas só concluída a sua alocução, viu que a mão, ferida, estava ensanguentada.

A nós todos pareceu, então, que aquelle sangue era simbólico, e assignalava, na tinta mais viva, o juramento ali prestado de immorredoura gratidão áquelle e a todos os bemfeiteiros da nossa raça. Acredito que, se outros mais endurecidos accasão resistem, jámais a flor da nossa gente, que é a juventude, ouviu ou ouvirá sem profunda commoção, intenso transporte e nobre incitamento, os inconfundiveis motivos e cadencias do "Guarany" ou d' "O Escravo" que tão fundamente traduzem a alma brasileira, a um tempo, indomita e dolente; injusta por vezes, mas não indigna; meiga, expansiva, sentimental e generosa.

Os thesouros que nos legaram os nossos grandes mortos redívidos são fontes murmuosas de eterna belleza — refrigerio, pelo existencia afôra, de toda amargura e aridez. Quem quer que dessa agua limpida tenha bebido uma vez, terá para sempre desalterado a sua séde, e outra não a satisfará.

Ah! pudesse a mocidade durar, ou ao menos, não se evolasse, o seu perfume!... Que outro, senão esse, é, no fundo, o voto

que se contém no soberbo dito de Vigny: "Uma bella vida é um pensamento da mocidade realizado na idade madura".

Tenho para mim que nada é mais providencial a toda vida que começa do que um *encontro*, o encontro com uma personalidade de eleição, cujo exemplo dahi por diante age e perdura, como modelo livremente adoptado e digno de ser seguido. Essa saudável influencia será uma das *permanencias* para que se ha de voltar, confiante, nas horas de hesitação ou perigo, o animo incerto, o inquieto coração. Não ha *presenças* mais reaes do que essas invisíveis presenças, que, mesmo em silencio se afirmam, para nos orientar e decidir e ás quaes interiormente attribuimos o julgamento de nossos actos.

Não receie alguém o risco de perder ou comprometter assim a sua personalidade: ao toque dessa vara nem jorrará a *lympha* do rochedo calcinado, nem germinará o grão no solo safaro, mas o que é bom, e estava latente, certo despertará.

Para termos uma idéa do que vale um grande exemplo, guia e paradigma, basta pensar no amargor daquelles em quem a decepção causada pela fallencia dos modelos que elegeram, paralysou a capacidade de admirar e venerar, diminuiu o conteúdo da vida, golpeando-a mortalmente, pelo desencanto e a descrença.

Fu lige a fortuna de haver encontrado, na minha mocidade, uma grande figura sob cujo influxo estreei na vida. Muitos annos são passados e nunca deixei de sentir a sua presença nesses momentos em que nossa alma vacillaria se a não amparasse uma assistencia superior.

Julio de Castilhos foi esse alto padrão: um amigo, um chefe, um estadista, um arbitro, um patriarca, um pastor de povos, o maior homem publico que conheci. Clássica se tornou a sua impavidez ante o perigo. Simples, natural, discreto, a inquebrantável dignidade do particular e do político envolvia-o num verdadeiro manto de rara majestade. Não tolerava fantasmagorias ou comedias. Dispunha de um prestígio sem contraste. Profundamente sincero, tendo horror a toda especie de convenções, era nelle exemplar a conformidade das palavras e dos actos com os sentimentos.

Evangelizando a Republica, afirmára por escripto:

"Nós juramos não nos detér diante de difficultade alguma, a não ser diante da victoria ou da morte". Tinha então 28 annos.

E, ponto por ponto, até o fim, cumpriu o voto difficultil.

Caracter adamantino, de antes quebrar que torcer, subordinava tudo a "impreteriveis considerações de ordem moral, que são sempre — dizia — as mais preciosas e as de valia preponderante em todos os assumptos privados ou publicos".

Surprehendido, uma vez com a communicação de haver sido eleito "Juiz" ou director principal de uma veneravel confraria religiosa, declarou não lhe ser possivel aceitar a investidura, pronunciando-se por esta forma: "Quando a sinceridade de inteiriça não assiste á crença, medra facilmente o germe funesto da simulação inconsciente, derivada da força do costume ou do preconceito engenoso. Onde não subsiste o fervor natural em torno da fé commun, predomina um artificioso convencionalismo, que é sempre illusorio e esteril. Uma adhesão religiosa, para ser moral e digna, deve emanar com rectitude da identidade do ponto de vista, e repousar essencialmente sobre a pureza irrepreensivel da crença do adherente convicto, a qual inspira, nutre a afervora o continuo devotamento, sem restricções e sem intermittencias.

Sinto assim, e assim penso".

Teve o mando politico nas mãos, mas as mãos eram impolutas. Foi chefe, de facto, porém não menos de direito. A autoridade sem par, que desfructou no circulo menor da vida intima, e no circulo immenso da sua actividade publica, não era imposta, provinha da irradiação moral do homem, a quem nenhum outro superou na honradez fundamental do caracter no denodo das attitudes, na devoção extrema á causa publica".

Poude dizer, impavido, aos seus adversarios:

"Não cortejo a vã popularidade; não dou abrigo aos artificios usuaes dos que illudem ou desorientam a opinião publica, sob as apparencias de um devotamento fallacioso; não sou aspirante a qualquer função que possa estimular a cobiça dos ambiciosos e altrahir a disputa effervescente.

Quem pretender ajuizar-me com justiça, e imparcialidade, atenha-se ao exame severo da minha conducta privada e publi-

ca, de que minha palavra constitue, uniformemente, expressão acorde".

Repetindo, agora, estes conceitos, parece que o vejo de novo diante de mim, grave, mas emotivo, diserto, porém caloroso; o olhar agudo e franco, a attitude decidida em que tantas vezes o contemplamos. Ouço outra vez, resoar a voz em que todos confiavam, ora clara e forte, a alta voz de commando e de combate, ora modulada nas mais harmoniosas inflexões do registo humano. Sinto-me dominado pela evocação daquelles dias remotos apenas no tempo, pois que, em realidade para mim, estão ainda vivos, intensamente vivos.

E affluem-me á memoria, em tropel, lembranças caras de horas e episodios, maiores ou menores.

Recordarei que em certa época, redigia eu "A Federação" de Porto Alegre, era Procurador Fiscal do Estado e professor da Faculdade de Direito.

No jornal escrevia diariamente o artigo de fundo; a Procuradoria era trabalhosa e a materia a expôr na Faculdade, difícil. No espaço de dois mezes, tres vezes deixei de dar aulas: não me sobrara tempo para preparar conscientiosamente a lição. Um dia, ao receber-me em sua casa, Julio de Castilho, antes de mais nada disse-se: "Por que tens faltado á Faculdade?" A pergunta, assim de chofre, perturbou-me. Sem deixal-o prosseguir, áquellas primeiras palavras, que no ardor dos meus 21 annos se me affiguraram logo uma censura; respondi com vivacidade: "Sim, tenho faltado, e a razão é simples: tenho de escrever um artigo todos os dias, inumeros processos a estudar; é natural que uma vez ou outra não me reste tempo para habilitar-me a explanar com decencia, materia transcendentemente como a philosophia do direito". E não sei que mais diria, se Castilhos, affectuoso e paternal, não atalhasse: "Não te exalte. Não estou censurando. Reconheço a sobrecarga de trabalho. Só te queria lembrar que o serviço no jornal e na Procuradoria é remunerado, em quanto que na Faculdade é gratuito. Este é o ponto importante para o qual quiz chamar a tua attenção. Aliás, prosseguiu, o trabalho forense caracteriza-se por sua lentidão, podes atacal-o assim, com mais vagar. E quanto ao jornal, que é politico, não havendo no momento polemica, a necessidade do artigo de fundo diario não é indeclinavel.

Falo no interesse que tenho por ti, pelo teu nome. Quando não fôr possivel, deixa de escrever o artigo, e despacha com mais calma os autos. Mas não faltes a uma lição. Não mérices que digam que o trabalho remunerado tem para ti maior attractivo que o mais nobre de todos os deveres — o dever gratuitamente cumprido".

Instantemente comprehendi a grandeza dáquelle homem, e os sentimentos que o moviam. Nunca mais faltei á Faculdade. Para lá me dirigia como que tangido por uma força superior. Houve dia em que a cidade amanheceu sob uma enchente formidavel. Assim mesmo, de botas de montaria atravessei-a com agua pelos joelhos, e — um tanto quixotescamente não ha duvida, mas satisfeito commigo mesmo, com a alma verdadeiramente exultante, fui dar a minha aula... a tres estudantes—*rainhantes*—que não acreditavam nos ses olhos quando viram surgir o professor.

Tal era Julio de Castilho em quaesquer emergencias. Ha séres que diminuem tudo. Julio de Castilhos — tamanha era a elevação da sua alma — tudo ennobrecia. Quem o viu de perto conheceu realmente um grande homem. Quem recebeu o seu ensinamento, não o esquece. Quem o seguir, acossado embora por toda sorte de revezes, não se perderá. Batido, vencido mesmo, poderá ser maior do que o vencedor.

A Liga da Defesa Nacional concita a mocidade ao culto das grandes figuras da nossa historia. Todas elles se devotaram a alguma coisa de bello e imperecivel. A nenhuma só faltou o espirito de sacrificio. Nelas buscar inspiração veneral-as, continuar-lhes a tradição, procurar seguir na luminosa esteira, é o dever, o indeclinavel dever das gerações novas.

Os que edificaram e engrandeceram o nosso Brasil são os nossos numes. Elles é que foram, e continuam a ser, os nossos salvadores, e não a caterva de pseudo thaumaturgos esdruxulos que, em vez de remedios, propinam venenos amargos e mortaes. Entre nós e estes nada ha de commun. Elles não nos conhecem, e nós não os reconhecemos. A vocação do homem é criadora, e não destruidora. O homem é fallivel, pôde ser um peccador, mas não é uma formação infernal escapa da genena para atormentar os vivos e profanar os mortos. Sem amor, sem sacrificio

não passaria o ser humano de um ponto miserável no espaço, uma mancha escura na terra.

Nós veneramos os mortos, que são os nossos pais, espirituais ou carnaes; e amamos os vivos, que são nossos irmãos.

Esta Liga, presidida hoje por um soldado, já o foi por magistrados. Bem o sabe aquelle, o soldado é a encarnação de um principio de obediencia, de sacrificio; a sua mystica eleva ao maximo a tensão de raras virtudes, que na desordem do mundo actual, representam uma força irredutivel. O magistrado, igualmente, deve obediencia á lei, de que é o guarda e o applicador. E ao seu imperio terá de sacrificar tudo mais.

O sacerdote, o scientista, todos, todos têm a sua religião e por ella estarão promptos a se immolar. Consuma-se o corpo, não haverá morte; haverá luz e redempção.

Possa a mocidade brasileira fazer suas, proferindo-as do fundo d'alma, estas palavras de uma gloria do fundo latino:

“Amo tudo o que põe o homem na contingencia de perecer ou de ser grande”.

O DECANO DOS LIVROS

É á Bibliotheca Nacional, de Paris, que cabe a honra de possuir o mais antigo livro do mundo; um papyro comprado, em 1847, a um operario grego por Prisse d'Avennes, quando dirigia certas excavações nas ruinas de Thebas.

Essa obra deve ter sido redigida em principios do Imperio do Meto, no tempo em que reinaram Honni e Senefru, isto é: cerca de 2.800 annos antes da nossa éra.

Trata-se duma collecção de sentenças referentes á educação das crianças e á arte de comer e beber com moderação. Por ahi, pois, se pôde fazer idéa daquillo que ha 28 seculos era considerado regra do bem viver.

SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER
Auxiliares: BAPTISTA DE MATTOS
MANOEL GUEDES

CONSELHOS PARA RESOLVER UMA SITUAÇÃO TACTICA (1)

Pelo Cap. A. DA SILVA CHAVES

SUMMARIO

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| I — Valor de methodo | III — Exame da situação |
| II — Trabalho preparatorio | IV — Decisões. |

I — VALOR DE UM METHODO:

Para solução de uma situação tactica temos necessidade de examinar uma serie de factores que teem influencia decisiva nas resoluções a tomar.

O exame desses factores deve ser feito sem nenhuma idéa preconcebida, afim de que possamos sentir nitidamente a reacção de cada um delles na solução a ser adoptada.

E' preciso não se ter a preocupação de encontrar uma solução para a questão apresentada, logo após a leitura de seus dados; isto conduz o solucionador a um prisma visual estreito que lhe não permite sentir claramente a influencia de varias minúcias de importancia, para a decisão final.

E' imprescindivel estudar cuidadosamente todos os dados da questão para, só depois de ter perfeita idéa do conjunto, tomar uma decisão.

Para aquelles que não tem o habito de lidar com questões de tactica parece, a primeira vista, que numa situação real, dada a premencia do tempo e as influencias da actuação inimiga, não será possivel, pelo menos aos chefes mais em con-

(1) — Reproduzido, a pedido de muitos colegas, por haver esgotado o numero de abril de 1935.

tacto com o inimigo, dispor da calma sufficiente para o estudo do problema, mediante um methodo seriado das questões; e que isto só é possível nos grandes quarteis generaes ou nos gabinetes de estudo em tempo de paz.

Devemos porém lembrar-nos que, quando um problema tactico é resolvido sem uma meditação profunda, somos forçados a ir modificando no decorrer da leitura a solução tomada no inicio desta. Tales modificações alongam insensivelmente o tempo necessário á decisão final. Além disto, como a situação não foi examinada detidamente, surgem os seguintes inconvenientes:

a) — O Chefe não tem confiança na solução que adoptou e esta falta de confiança em sua decisão é involuntariamente transmittida a seus subordinados pela falta de precisão nas ordens;

b) — Se o tempo decorrido entre a distribuição da ordem e a sua execução for longa, novas idéas surgirão no espírito do Chefe que dará contra ordens ou instruções complementares dispensáveis, tudo como resultado da falta de confiança na solução inicial e causando balbúrdia aos executantes;

c) — No decorrer da execução das suas ordens, surgirão imprevistos que constituirão verdadeira surpresa, e com a surpresa, desastres.

Assim o tempo, que parece perdido com o exame minucioso das questões necessárias a uma perfeita decisão, é fartamente compensado com a confiança que o Chefe tem na solução adoptada, a precisão nas ordens dadas e a previsão das modificações prováveis.

Um methodo, qualquer que elle seja, desde que racional, tem a vantagem de se incutir no sub-consciente do militar e, nos momentos os mais críticos, se apresentar nitidamente ao seu espírito facilitando-lhe o trato das questões supervenientes.

E' baseado neste princípio que o R. E. C. I. em seu n. 76, pag. 68, prescreve: "Trata-se de crear no soldado durante o seu curto tempo de serviço, ACTOS REFLEXOS E EFFICAZES, solidamente enraizados no seu sub-consciente, de modo que possam persistir durante a vida civil e garantir quando fér necessário e apezar das emoções do combate, a execução dos movimentos indispensáveis á acção".

Identicamente, se um official se habitua a tratar as questões de tactica, segundo um methodo unico, este se enraizará de tal forma em seu espirito que será sempre applicado, qual quer que seja a urgencia e as preocupações do momento.

A principio terá que consultar as notas sobre o methodo; depois precisará de um esforço de memoria para se reportar a elle durante a resolução das questões; finalmente applical-o á instinctivamente, inspirado apenas pelos reflexos.

Se cada official, portanto, adoptar um methodo racional e procurar treinar a sua applicação, nos momentos precisos suas decisões serão rápidas, precisas e concisas.

Dentro dessa ordem de idéas e com a experiência própria resolvemos auxiliar os nossos camaradas mais novos, divulgando o methodo que nos foi ensinado e que nos tem proporcionado facilidades na solução dos nossos trabalhos, sempre que são aplicados convenientemente.

II — TRABALHO PREPARATORIO:

a) — TEMA:

Ler o tema com atenção para fazer uma idéa das natureza do trabalho que vai emprehender.

Ler o tema uma segunda vez sublinhando todas as partes importantes; ler em seguida todos os documentos annexos ao tema.

Ler o tema uma terceira vez sublinhando duplamente todas as partes fundamentaes para o trabalho a executar.

NOTA — Em exercícios e no caso de se tratar de commandos subordinados, ler a ordem recebida dispensando-lhe as mesmas atenções acima.

b) — CARTA:

Após a primeira leitura do tema, sublinhar, na carta, todas as localidades e pontos que sirvam de referencia á situação e á missão.

Para o trabalho feito nos pequenos escalões de commando e em exercicio no terreno — após a primeira leitura da situação o solucionador deverá tomar a carta e fazer um giro

de horizonte, de modo que fique senhor do terreno; — durante a 2.ª leitura da situação deve identificar, no terreno, todos os pontos de referencia citados;

— durante a terceira leitura é de todo conveniente que a carta já esteja guardada e que os pontos do terreno sejam vistos directamente.

NOTA — Esta maneira de agir, varia de acordo com o escalão, pois no Batalhão e unidades superiores, embora no terreno, o comando terá necessidade da carta para se orientar sobre pontos que não sejam vistos.

III — EXAME DA SITUAÇÃO:

Para resolver qualquer situação tática necessitamos estudar quatro factores que condicionam as decisões a tomar;

MISSÃO — TERRENO — INIMIGO — MEIOS

a) — *Estudo da missão:*

Uma missão, em geral, comporta uma parte essencial e uma ou mais partes subsidiárias.

Por exemplo: Uma unidade que, estando em A deve marchar para B e lá atacar, defender-se ou ficar em condições de..... tem como parte essencial da missão aquillo que deverá fazer no ponto B e como subsidiária a marcha de A para B.

Esta distinção é necessária, porquanto o dispositivo de marcha, além de corresponder às necessidades desta, deverá também permitir a rápida realização do dispositivo em B, para o cumprimento da parte essencial da missão.

Assim, quando se estuda uma missão, é preciso:

1.º) — Procurar a parte essencial dessa missão;

2.º) — Procurar sua parte subsidiária;

3.º) — No caso de haver mais de uma parte subsidiária, grupal-as em ordem de urgência.

Convém notar que, quanto menos elevado o escalão em que se age, tanto menor é a importância desta sub-divisão, na

analyse da missão; porquanto as transformações de dispositivo são mais rápidas e muito mais faceis.

b) — *Estudo do terreno:*

O estudo do terreno na carta ou sobre o próprio terreno tem uma importância capital.

Reagindo sobre a missão, sobre a actuação do inimigo e sobre o emprego dos meios disponíveis, o terreno vai condicionar as decisões a serem tomadas.

Este estudo comporta duas partes:

1.^a)—Sob o ponto de vista topographico — em que o terreno é estudado apenas quanto a suas formas, comunicações, etc;

2.^a)—Sob o ponto de vista tático:

a)—Estudo das reacções do terreno sobre a missão;

b)—Estudo das reacções do terreno sobre as possibilidades do inimigo;

c)—Estudo de influencia do terreno sobre o emprego dos meios disponíveis.

Como vemos o estudo concernente às letras b e c só pode ser feito no estudo dos outros dois factores da decisão.

c) — *Estudo do inimigo*

Quem recebe uma missão recebe também um conjunto de informações sobre o inimigo.

Tais informações, quer constituam um Boletim de Informações especial, quer sejam enquadados num simples item de ordem, contém tudo que se sabe sobre o inimigo, no que possa interessar o escalão em que se age, até uma determinada hora, bem como as conclusões sobre as possibilidades do inimigo.

Além disto, caso o contacto já tenha sido tomado pela unidade interessada, o seu commandante colhe informações por conta própria, as quais ligadas às informações já recebidas, servirão para confirmá-las ou modifical-as.

Normalmente as informações sobre o inimigo são um pouco anteriores ao momento da decisão do Chefe e portanto, na analyse sobre o inimigo, deveremos levar em consideração a

circunstancia de estarmos ou não em contacto com este inimigo.

No caso de estarmos em contacto, é preciso:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as informações recebidas dos vizinhos e colhidas directamente; desde a hora a que se refere o escalão superior até o momento da analyse, introduzindo nesta as modificações consequentes da reacção daquellas;

3.º) — Estudar as possibilidades de modificação da situação do inimigo durante o tempo decorrido entre a decisão e a hora de execução, bem como durante a execução da operação que se tem em vista.

No caso, de não estar em contacto, é necessário:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as possibilidades de modificação do inimigo entre a hora da decisão do commando superior e a da execução da operação, bem como as modificações possíveis, durante a execução da operação.

O estudo das possibilidades do inimigo deve ser feito criteriosamente abstendo-se de *hypotheses* gratuitas sobre esse inimigo. Devemos nos restringir ao estudo das possibilidades em face das ultimas informações obtidas sobre suas actividades e diante do terreno de que elle se vai utilizar.

Quanto menos elevado o escalão de commando, tanto menor importancia tem o estudo das modificações provaveis da situação do inimigo, porquanto as decisões são tomadas em rora mais proxima da execução.

d) — *Estudo dos meios:*

O commando estuda os meios, analysando:

1.º) — A capacidade dos meios disponiveis:

— quanto ao effectivo;

— quanto ao grão de instrucção;

— quanto ao estado physico;

— quanto ao valor moral.

2.º) — As possibilidades de acção consequentes em face:

- da capacidade acima;
- da missão recebida;
- do terreno onde tem que agir;
- das possibilidades do inimigo.

III — DECISÕES

Encadeando assim o seu estudo, o commando, ao terminar a analyse dos meios terá uma idéa nítida sobre a manobra a executar.

A — *Idéa de manobra:*

Todo chefe, para desempenhar-se de uma missão recebida deve ter uma idéa. Essa idéa porém, deve ser tanto mais ampla quanto maiores forem as possibilidades de mudança na situação.

Ora, quanto mais alto o escalão de commando, tanto maior o tempo decorrido entre a decisão e a execução; por outro lado maior é o tempo gasto para recepção de informações e remessa de novas ordens; assim é necessário que os commandos subordinados tenham conhecimento da idéa de manobra do chefe para que possam aplicar toda sua iniciativa no caso de mudanças de situação, sem ferir-a, pois é ella que deve nortear o conjunto. Só assim esse conjunto não será prejudicado por iniciativas isoladas; só assim os commandos subordinados poderão, exercer conscientemente a faculdade de iniciativa, sem a qual ninguém comanda.

Do exposto se conclue que, quanto mais alto o escalão de commando, tanto mais demorada será a sua actuação directa e maior deverá ser a iniciativa dos commandos subordinados, portanto, mais ampla deve ser a Idéa de Manobra. Ao contrário, quanto menos elevado escalão de commando, mais cerrada será a idéa de manobra, que acabará por não ser explícita nos escalões em que o commando possa sentir as reacções do adversário e actuar directamente no sentido de annullal-as.

Dessa forma, concluimos que a Idéa de Manobra, existindo conjugada com uma Intenção expressa do Chefe, toma uma forma muito ampla nos altos escalões de commando; que no escalão Divisão ella já se apresenta isolada, porque quasi sem-

pre a Intenção do General está bem expressa na missão recebida; que no Regimento a idéa de manobra ainda é necessária ao conhecimento dos commandos subordinados, mas no Batalhão não há necessidade de haver na ordem de operações um item especial sobre essa idéa. O Batalhão é a unidade tática da Infantaria, o Major tem em suas mãos os orgãos de fogo, para emprego directo em proveito das companhias e poderá modificar, pessoalmente a actuação daquelas, de acordo com as variavões da situação.

Em todo caso podem haver situações em que o commando do batalhão não possa actuar directamente no conjunto de sua unidade, sendo forçado até a repartir orgãos de fogo com as companhias; em tais casos, cabe aos capitães uma maior iniciativa e portanto, a idéa de manobra deve estar expressa na ordem.

Quanto aos escalões da companhia inclusive, para baixo, não há necessidade de tornar expressa a idéa de manobra.

Esta afirmação não implica em dizer que os pequenos chefes não tenham uma idéa de manobra, sómente o commandante do G. C., que pelo R. E. C. I., não manobra, deixará de tal-a, mas, o próprio commandante de pelotão, embora não a indique de modo especial aos commandantes de grupo de combate, só pode agir tendo uma idéa; sua indicação é dada com o dispositivo e a missão atribuída a cada grupo.

B — *Dispositivo:*

Assentada a idéa de manobra, para ser comunicada ou não aos commandantes subordinados, o Chefe vai decidir sobre o dispositivo.

Ora, a Idéa de Manobra fixa o esforço, e este será feito pelos efectivos de que se dispõem, logo o commando, dozando-os em consequência do esforço a pedir, vai deduzir o dispositivo da idéa de manobra.

O Dispositivo, sendo uma função do esforço, exige que a distribuição de efectivos e meios de fogo, para o apoio, seja maior nas zonas de maior esforço.

Portanto para frentes iguais de esforços diferentes, maior quantidade de tropa para aquela em que o esforço será maior

ou para tropas de effectivos iguaes, menor frete para a que deva produzir maior esforço.

C — Repartição das missões:

Decidida a Idéa de manobra e o Dispositivo, é preciso distribuir uma missão a cada uma das unidades, isto é, a cada commando subordinado.

Esta decisão é simples, desde que se tenha em vista as duas anteriores.

D — Execução das missões:

Estabelecidas as missões é preciso coordená-las, de modo que a actuação de cada uma das unidades se entroze num todo homogêneo.

E — Ligações e Transmissões:

1.º — Para que as decisões sejam executadas convenientemente é necessário que o chefe possa transmittir suas ordens, receber e dar informações, é preciso portanto estabelecer as transmissões de modo que sejam úteis á operação que se tem em vista.

2.º — Para que a idéa do chefe possa ser bem executada e os commandos subordinados possam exercer utilmente sua iniciativa é preciso existir uma perfeita ligação de commando.

3.º — Para que as unidades vizinhas possam se auxiliar e amparar mutuamente é necessário haver uma boa ligação de combate.

F — Serviços:

Em fim, tomadas as decisões relativas á tropa, todos os chefes, em qualquer escalão, salvo o pelotão, tem que decidir quanto ao emprego dos serviços (serviços propriamente dito, trens de estacionamento ou simples trens de combate) que existam organicamente, ou não, em suas unidades e que são imprescindíveis á vida e á actuação da tropa.

É preciso verificar o que é imediatamente necessário e o que é mais ou menos dispensável para a operação em vista e assim, tomar decisões sobre os serviços.

CURSO DE TIRO

Efeitos dos tiros

Cap. Almerio de Castro Neves.

Vamos dizer algumas palavras sobre a importancia do seu estudo.

“O fogo é o argumento essencial do combate e tactica das pequenas unidades de Infantaria é, principalmente, a arte de as dispôr de forma a produzirem os fogos necessarios” (Reg. de Inf. do Exercito Francez).

Não só para a Infantaria, mas tambem para a Cavallaria, o fogo é o argumento essencial do combate.

Elle impoz-se nas formidaveis hecatombes do principio da Grande Guerra fazendo, com esse argumento decisivo, cahir quasi completamente, a crença na potencia do choque. Houve durante essa guerra, algumas vezes, acções de choque coroadas de exito, entre as quaes cita-se a do Cap. Davout; mas, foram todas realizadas em condições excepcionaes não só de surpreza, como tambem de desconhecimento do terreno e falta de preparação de tiro da tropa inimiga recem-instalada na posição. Foram golpes de audacia, coroados de exito pela fallencia do fogo inimigo.

A Cavallaria de hoje, é uma força movel de fogo; é a rapidez com que ella faz sentir a sua potencia de fogo em um ponto qualquer do campo de batalha, que faz com que só ella possa, efficientemente, desempenhar certas missões como sejam: exploração, cobertura, etc.

A potencia do fogo é, diz o nosso Regulamento, expressa pelo numero de armas automaticas, engenhos e canhões, porém, elle suppõe que *todas* essas armas, engenhos e canhões sejam empregados judiciosamente; si não forem *todas* ellas empregadas judiciosamente, a potencia de fogo não será mais expressa pelo seu numero mas, pelo numero de armas que estejam sendo aproveitadas efficazmente.

O não aproveitamento efficaz das suas armas pôde tornar a potencia de fogo de *uma* tropa tão pequena, que se torne pos-

sivel a acção pelo choque contra ella; é o caso de tropas desmoralisadas, mal instruídas ou apanhadas de surpresa.

De facto, a acção de uma arma sobre um objectivo mede-se pela efficacia dos fogos produzidos e não pelo numero de tiros dados; superioridade de fogo sobre o adversario, não quer dizer atirar mais do que elle mas, atirar melhor do que elle.

Essa superioridade de fogo, que é a base de toda a concepção tactica moderna, só se consegue com o emprego mais judicioso das nossas armas, produzindo fogos mais efficazes. Esse desideratum, só poderemos attingir com o conhecimento profundo dos *efeitos dos tiros* das nossas armas.

O conhecimento dos efeitos dos tiros, nos dá uma noção exacta da potencia dos nossos fogos, bem como das condições e limites dessa potencia, permittindo-nos o emprego economico das nossas armas, isto é, obter o maximo de rendimento com o minimo de consumo de material.

Para a Cavallaria, esse conhecimento é ainda mais importante do que para as outras armas: o seu armamento é reduzido para não prejudicar a sua mobilidade; o seu remuniciamento é difficult em consequencia dessa mesma mobilidade e as suas missões occasionam normalmente o emprego de pequenos effectivos em largas frentes; essa deficiencia do armamento e munição, só poderá ser compensada pelo seu emprego mais judicioso, de forma a obter-se o maximo de rendimento com o minimo de consumo de material, isto é, o emprego economico.

Só com o emprego economico das suas armas, é que poderá a Cavallaria se desincumbir effientemente das suas missões, que lhe occasionam normalmente, combates com um inimigo muito superior em effectivo e armamento.

A tactica das pequenas unidades é, principalmente, a arte de as dispôr de forma a produzirem os fogos necessarios; ora, a efficacia dos fogos se mede pelo efecto dos tiros dados, portanto, o seu desconhecimento pôde acarretar erros tacticos gravíssimos, não só tornando inefficientes algumas unidades mal collocadas, como até perigosas, attingindo com os seus fogos as unidades proximas.

O aproveitamento dos tiros deve ser feito de modo seguro e instinctivo. O tiro é executado normalmente sob os fogos do adversario e contra objectivos fugazes; os atiraderes não dis-

põem de tempo nem calma para emprehender calculos, por isso. ha necessidade de crear e desenvolver o *sentimento dos effeitos dos tiros*, que torne *actos reflexos*, as operações necessarias ao aproveitamento maximo dos effeitos dos tiros.

Isso só se poderá obter pelo estudo acurado dos effeitos dos tiros e demonstrações praticas do *rendimento real* das armas.

Esse estudo nos evitara, não só os erros tacticos acima referidos, como tambem, termos de fazer um consumo enorme de munição para obter um resultado nullo ou quasi nullo.

— : —

DENTADURA HEROICA

Pela Escola Dentaria da Universidade de Maryland e em beneficio duma clínica odontologica, foi exposta o mez passado na capital dos Estados Unidos a dentadura de George Washington.

Essa dentadura, que está segura em cerca de trezentos contos de réis, foi usada por Washington no periodo que se seguiu à guerra da Independencia. E' formada por dois blocos massiços de marfim, a que se deu grosseiramente a forma de dentes e que estão ligados por molas fortissimas.

Os alumnos da Escola Dentaria ficaram estupefactos diante desse "instrumento de tortura" e unanimemente reconheceram que o "Pae da Patria" só por usar tal apparelho, merecia o titulo de heróe.

A ultima de Bernard Shaw

Foi representada o mez passado, em Londres, a nova peça de Bernard Shaw, *Back to Methusalah*.

Applausos calorosissimos. O publico chama o autor à scena. No momento, porém, em que o escriptor entra no palco, ouve-se um assobio, estridente que vem das galerias e domina todas as aclamações. Sem perder a calma, Bernard Shaw estende o braço em direcção áquelle ponto da saia e, no relativo silencio que se estabelece, diz já para cima:

— Perfeitamente, meu amigo, sou da sua opinião. — Depois, indicando a sala cheia á cunha: — Que valem, porém, os nossos dois votos contra esta maioria?

SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: DJALMA D. RIBEIRO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

A "CONTRA BATERIA"

(Traducção e adaptação)

Major LIMA CAMARA
Professor da E. E. M.

P R E L I M I N A R E S

O facto de tratarmos, isoladamente, a contra bateria, não significa que ella possa ser considerada á margem do combate. Muito ao contrario, a contra-bateria não é sinão uma parte do todo que constitue a acção da artilharia no combate, e, como em todas as suas outras missões, a artilharia encarregada da contra-bateria, se propõe, sobretudo, a ajudar a infantaria.

Na execução da contra bateria não se pode esperar paralyzar completamente a artilharia inimiga. A experiença nos mostra que este resultado nunca foi attingido, mesmo quando as artilharias adversas estavam em grande desproporção. Já os regulamentos anteriores á Grande Guerra affirmavam ser raramente decisiva a lucta de artilharias. A infantaria que mais soffre, tanto no ataque como na defesa, com o tiro da artilharia inimiga, é, commumente, levada a criticar severamente a acção da contra-bateria. Sua critica, muito humana, repousa no numero de projectis, que ella recebeu. Falta-lhe, porém, um elemento de apreciação: o numero de projectis que ella teria recebido si não tivesse existido a contra bateria. Si uma tal comparação pudesse ser feita, não ha duvida nenhuma que ella traria um argumento decisivo em favor da contra-bateria.

Alguns resultados obtidos durante a Grande Guerra mos-trarão melhor as vantagens da contra-bateria.

Em VERDUM, de meados de Fevereiro a meados de Março, dos 960 canhões franceses em linha, 600 foram postos fóra de serviço pelos alemães.

Na CHAMPAGNE durante o ataque alemão de 15 de Julho, o 12 Regimento de artilharia francesa, regimento organizado da 43 D. I., perdeu 9 canhões em 8 horas.

Na batalha de MALMAISON, das 90 posições de baterias alemães, batidas pelos franceses, 45 foram totalmente destruídas.

Em VERDUM, durante a conta-offensiva francesa, os fogos de deter, alemães, foram desencadeados com um atraso de 5 a 10 minutos devido ao desencadeamento de uma *bôa* contra-bateria. Em Outubro de 1916, como consequência de um falso ataque francês, 158 baterias inimigas se revelaram; executada a contra-bateria, no momento do verdadeiro ataque, sómente 90 baterias entraram em ação.

Em 1.º de Agosto de 1918, o General LUDENDORF escrevia: "Uma verificação exacta da quantidade de material consumido pela artilharia pesada e pela artilharia de campanha forneceu o resultado seguinte: "Em um mês, o fogo do inimigo destruiu completamente, em números redondos, 13% das peças engajadas na batalha". Semelhante resultado mostra claramente o valor de uma contra-bateria, activa.

Esses 13% correspondem para a época considerada a cerca de 1.300 canhões, o que representa um resultado apreciável. Uma indústria de guerra, mesmo poderosa, poderá substituir oportunamente um tal material?

Na mesma época, as baixas na artilharia francesa foram: 10% para o 75 e 1% para a artilharia pesada.

A diferença dos resultados obtidos pelas contra-baterias alemães e francesas são, sobretudo, devida à diferença nos métodos de tiro.

OBJECTIVOS DA CONTRA-BATERIA

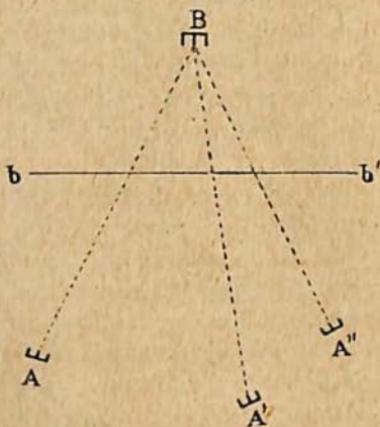
Os tiros com os quais se pode agir sobre a artilharia, não se limitam áquelles que são dirigidos sobre as baterias.

Pode-se reduzir, consideravelmente, a actividade da artilharia inimiga, seja destruindo seu material ou pessoal, ou

ainda atacando seus observatorios, seus P. C., suas centraes telephonicas, seus depositos de munição etc.

ORGANIZAÇÃO DA CONTRA-BATERIA

Dada a grande distancia que separa, geralmente, a artilharia da linha de combate, parece evidente que uma bateria inimiga B possa ser batida por baterias tales como A, A' ou A'', sem que dahi resulte algum perigo para a infantaria amiga.



E' esse uma das principaes caracteristicas das luctas de artilharia que lhes dá como resultados:

1.º — A artilharia da contra-bateria pode concentrar sobre uma bateria inimiga B um grande numero de baterias tal com A, A' e A".

O numero de baterias que vão intervir sobre B só será limitado: pelo numero de baterias disponiveis, pelos campos de tiro horizontal dos materiaes e pelo alcance dos mesmos.

2.º — Inversamente, uma bateria inimiga B se revelando inopinadamente, o Commandante da artilharia dispõe de um grande numero de baterias para atacal-a.

A contra-bateria inopinada, no decorrer do combate, fica assim grandemente facilitada.

3.º — O commando tem maiores possibilidades de bater a Bateria B com tiros de enfiada e de escarpa.

A solução do problema será tanto mais facil, quanto maior for a frente na qual as baterias A, A' e A" possam ser escolhidas. A C/Bia. deve ser organizada sobre uma grande zona cuja frente e profundidade, seja a maior possivel. As dimensões de semelhante zona só devem ser limitadas: pelo alcance dos materiaes utilizados, pela amplitude dos transportes de tiro que elles permitem com rapidez e, finalmente, pela necessidade de se ter bôas transmissões; esta ultima sendo a condição "sine qua non" de toda a centralização.

Na FRANÇA essas considerações levaram a confiar, em principio, aos C. de Ex. as missões do C/Bia.. As A. D. têm, aliás, sufficiente ocupação com os tiros que devem effectuar em beneficio immediato da infantaria, ficando completamente absorvidas pela necessidade de seguir de perto o combate de sua irmã, não convindo, portanto, sobre carregal-as com outras missões.

No BRASIL onde não existe o escalão "Corpo de Exercito", uma tal centralização deverá ser feita no escalão Exercito. Semelhante solução não tem nada de exclusivo, porque as artilharias de outros escalões podem cooperar nas missões de C/Bia..

Uma A. D. pode ser chamada a reforçar a C/Bia. batendo as Bias. inimigas mais proximas da linha da infantaria. Po-

derá mesmo, por ordem do Cmt. Ex. intervir durante um tempo limitado com a totalidade de seus meios.

Por outro lado, a A. Ex. poderá reforçar as A. D., mesmo na propria zona de acção destas ultimas.

Em resumo, no caso brasileiro, sempre que as circunstancias permittirem, haverá vantagem em centralizar a C/Bia. no escalão Ex., podendo ella ser reforçada, a criterio do Cmdo., por uma parte ou pela totalidade das A. D.. Casos ha, entretanto, em que uma tal centralização tornar-se-á impossivel e, então, teremos que nos conformar com a descentralização. Durante a Grande Guerra, em alguns sectores a C/Bia. foi organizada por Sub-sectores de regimento de infantaria.

ORGANIZAÇÃO DO COMMANDO — ZONAS DE ACÇÃO

A C/Bia. no Ex. é dirigida pelo Gen. Cmt. A. Ex.. Sua execução é, geralmente, confiada ao Cmdo. da A. P. Ex. que regula o conjunto das operações segundo o plano estabelecido ou aprovado pelo Cmt. A. Ex..

A zona de acção de uma A. Ex. é, em principio, a mesma do Ex..

A A. Ex. é organizada em agrupamentos e um agrupamento é em geral adaptado a cada zona de divisão. Encarregado normalmente da C/Bia. em sua zona, cada agrupamento assim adaptado é tambem o primeiro reforço eventual da A. D. correspondente.

Pode-se, tambem, ter um ou varios agrupamentos de acção de conjunto que, encarregados sobretudo dos tiros de interdicção e de objectivos inopinados, poderão reforçar os diferentes agrupamentos adaptados ás D. L.

Os agrupamentos de acção de conjunto são naturalmente constituidos de materiaes de grande alcance e campo de tiro horizontal bem como de materiaes com grande velocidade de tiro.

DESCOBRAMENTO DA ARTILHARIA DE CONTRA-BATERIA

A artilharia de C/Bia. não deve ser systematicamente desdobrada atraç das A. D. sob pretexto de seu maior alcance.

Tratando-se, com efeito, de agir, o mais profundamente possível, no interior das linhas inimigas, muita vez o material de Ex. deve ser levado á frente para melhor explorar seu alcance.

Cada A. D. deverá geralmente reservar em sua zona de desdobramento, um certo numero de posições destinadas a A. Ex..

LIGAÇÃO COM A INFANTARIA

A artilharia de C/Bia. tem numerosas razões de estar em ligação com a infantaria:

- 1.º — ella terá, com auxilio da infantaria, informações preciosas relativas á actividade e os efeitos da artilharia inimiga pontos bombardeados, calibre dos projectis, direcções de onde parecem vir os tiros e mais outras informações que, na falta de mais precisas, permittirão talvez localisar as Bias. inimigas que atiram, anotar seus programmas e, finalmente, contrabatê-las no momento opportuno.
- 2.º — no decorrer de um ataque, os tiros de C/Bia. devem ser interrompidos a tempo para não prejudicar a aproximação de infantaria, porem, em alguns casos é necessário mantê-los para impedir a artilharia inimiga de se retirar.
- 3.º — a A. Ex. pode ser chamada a reforçar os fogos de contra preparação e de deter executados pelas A. D.. Esta ligação será feita por intermedio das A. D..

MATERIAES UTILIZADOS

Todo o material leve ou pesado é proprio á C/Bia., dentro dos limites de sua potencia, alcance e campo de tiro. Assim, o 75 e o 105 podem, dentro de seus alcances, atacar baterias a descoberto ou fracaente abrigadas.

Entretanto, para permittir o jogo das concentrações, os ataques successivos a um certo numero de baterias inimigas por uma mesma unidade, o ataque a baterias mais ou menos

abrigadas, convém a utilização de materiaes de maior potencia, alcance e campo de tiro.

PROCESSOS DE EXECUÇÃO DA CONTRA-BATERIA

Qualquer que seja o processo de empregar, o rendimento da C/Bia. será função do valor das informações obtidas sobre as posições da artilharia inimiga e da precisão conseguida no ajustamento do tiro. Quanto mais longe atirarmos, maior a necessidade do conhecimento da posição do objectivo e maior precisão devemos procurar no ajustamento.

No tiro de C/Bia., como em todos os outros, a artilharia procura a destruição ou a neutralização de seus objectivos.

DESTRUÍÇÃO

A destruição de uma Bia., como toda destruição, só pôde ser emprehendida si forem satisfeitas as condições techniques que permittam um ajustamento preciso do tiro.

— Convém notar, a esse respeito, salvo raras excepções, que não poderemos contar com a observação terrestre para o ajustamento e execução dos tiros de C/Bia..

De uma maneira geral, a destruição das *Bias.* inimigas só pôde ser emprehendida:

- com o conhecimento das coordenadas do objectivo — coordenadas fornecidas pelas secções de localização ou resultantes do estudo das photographias aéreas.
- com o auxilio de regulações ou confrontos executados com o concurso da observação aérea (avião, balão).

Mesmo nos casos favoraveis, a destruição, de uma bateria será sempre uma *operação dispendiosa* (em munições) e *demorada*, devido ao peso da munição a consumir e à necessidade de manter o ajustamento durante toda a execução do tiro.

Um grupo de 155 L., por exemplo, encarregado da destruição de uma bateria provida de abrigo a céu aberto, deverá

consumir cerca de 400 tiros e gastar 1 hora para a execução do tiro.

Uma unidade encarregada de uma destruição fica indisponível para qualquer outra missão durante um tempo apreciável. Por outro lado, sob um ponto de vista inteiramente técnico, um tiro prolongado fica submetido a possíveis variações nas condições atmosféricas, donde a necessidade de confrontos periódicos que tornam o tiro ainda mais lento e oneroso.

A concentração de várias baterias poderia abreviar a execução do tiro, porém, no caso de tiros de destruição, semelhante concentração não pode ser encarada além do grupo, sob pena de complicar extraordinariamente o controle do tiro, o que conduziria fatalmente a uma demora na execução do mesmo.

A destruição das baterias inimigas deve ser emprehendida num número limitado de baterias localizadas e executada no decorrer de uma preparação curta. Convirá, portanto, escolher as que pareçam mais perigosas. Semelhante escolha só poderá ser feita pelo Cmdo., orientado pelo S. I. A..

Convirá, sobretudo, só desencadear tiros de destruição sobre as posições *certamente* ocupadas. Ora, a distinção entre posições permanentemente ocupadas e as posições de baterias nômades, não é facilmente feita, donde a conveniência de só emprehender a destruição de uma *Bia*, pouco tempo após a ella ter sido vista em ação. Por outro lado, as informações negativas do S. I. A. terão particular valor, no decorrer de um ataque inimigo, por exemplo, porque permitem eliminar do programma da C/Bia. as baterias inimigas anteriormente localizadas que venham a ficar inactivas.

NEUTRALIZAÇÃO

A neutralização é emprehendida, no momento opportuno, nas *Bias*, sobre as quais não se pode ou não se quer emprehender a destruição.

A neutralização visa sobretudo o pessoal, embora possa ocasionar sérias avarias no material, linhas telephonicas, depósitos de munições, junto ás peças, etc.. Os resultados de

toda ordem, serão tanto melhores quanto melhor ajustado estiver o tiro. É um erro supor que o facto de se procurar efeitos de neutralização, autoriza uma menor precisão no ajustamento do tiro.

A conveniencia em produzir sérias baixas no pessoal inimigo para aumentar o efeito moral da neutralização, pode aconselhar o desencadeamento do tiro por surpresa. Deste modo o tiro deverá ser desencadeado sómente com os recursos da preparação a qual deverá ser a mais perfeita possível afim de diminuir as majorações correspondentes: (transporte de tiro pelo método dvo).

Algumas vezes o efeito procurado no tiro de neutralização poderá ser o de impedir o deslocamento do material inimigo, por exemplo:

- immobilizar uma bateria nômade;
- impedir a mudança de posição da artilharia inimiga no decorrer de um ataque bem sucedido.

A neutralização pode ser obtida de tres maneiras:

- 1.º — por meio de tiros de cadencia lenta, porém, prolongados. — Neutralização por inquietação.
- 2.º — por meio de tiros curtos, porém, violentos — Neutralização por concentrações.
- 3.º — por meio da combinação das duas formas anteriores.

NEUTRALIZAÇÃO POR INQUIETAÇÃO

A inquietação foi, geralmente, o unico modo de neutralização, empregado durante a Grande Guerra: consistia em aplicar sobre uma materia inimiga o tiro de uma secção ou mesmo de uma peça, segundo os recursos disponíveis. Este tiro era naturalmente efectuado em cadencia irregular.

Actualmente, salvo casos excepcionais, tais como insuficiencia de meios, a bateria é a menor unidade encarregada de uma tal missão.

A inquietação de uma bateria se efectua com rajadas violentas, irregularmente, espaçadas, entrecortadas de tiros lentos, tambem irregulares.

O processo é particularmente, efficaz si o pessoal visado deve continuar a atirar (na defensiva, no começo da preparação inimiga). As baixas podem então, crescer, progressivamente, attingindo a resultados muito apreciaveis.

O processo da inquietação tem a vantagem de ser de uma execução simples. Elle se presta a ser executado, mesmo com materiaes de manobra difficult. Permite o ataque simultaneo de um numero de baterias inimigas igual ao das engajadas na contra-bateria.

Elle tem, porém, dois sérios inconvenientes:

- 1.º — si o tiro não é muito preciso seu efecto é praticamente nullo;
- 2.º — o efecto de neutralização procurado, não pode ser obtido sinão apôs um tempo mais ou menos longo, durante o qual o pessoal deverá ser mantido sob a ameaça constante de um tiro bem ajustado.

NEUTRALIZAÇÃO POR CONCENTRAÇÃO

Este processo visa procurar, em alguns minutos, a neutralização de uma bateria inimiga, concentrando sobre ella o tiro de varias baterias ou mesmo, de varios grupos.

As diferentes baterias a neutralizar são batidas successivamente por agrupamentos constituidos. Eis porque este processo é algumas vezes denominado: "processo das concentrações girantes".

Para a applicação do processo torna-se necessário:

- 1.º — uma bôa rede de transmissões que permita rapida e seguramente a transmissão de ordens para a preparação e desencadeamento das concentrações (quando elles não tenham sido previstas com antecedencia). Para o desencadeamento um signal convencional transmittido pela T. S. F. resolve satisfatoriamente o problema;
- 2.º — materiaes manobreiros que se prestem facilmente a mudanças de direcção de grande amplitude, afim de que zona de cada agrupamento seja a maior possivel;

3.º — uma boa preparação topographica do tiro; conhecimento exacto das condições aérologicas e munições lotadas.

O processo por concentrações apresenta algumas vantagens:

- 1.º — pode ser desencadeada sobre objectivos imperfeitamente localizados topographicamente, devido, não só á disposição do tiro, como, tambem, á zona batida pelo tiro isolado.
- 2.º — o efecto moral produzido pelo bombardeamento é extraordinariamente augmentado pela surpresa, violencia e brutalidade de seu desencadeamento.
- 3.º — pode provocar sérias baixas no pessoal inimigo si elle fôr surprehendido a descoberto e si as primeiras rajadas forem precisas.

Afim de augmentar o efecto de neutralização, deve-se desencadear o tiro, o mais rapidamente possível, com a densidade prevista pelo regulamento:

150 tiros por Ha. para o 75
100 " " " o 105
70 " " " o 155.

Visando o processo, especialmente, o pessoal das baterias, a duração do tiro não deve exceder de 3 minutos; o pessoal que não fôr attingido durante este tempo se abrigará, fugindo, assim, aos efectos do bombardeio. De tres minutos será, portanto, o tempo *base* para as concentrações com os pequenos calibres 75 e 105. O tiro de 155, e, consequentemente, o de calibres maiores poderá ser mantido por mais tempo devido ao efecto possivel de seus projectis sobre o pessoal mesmo abrigado, e, ainda, pelo sentimento de insegurança que seus arrebentamentos inspiram.

Em tres minutos, á razão de 8 t/p/m., um grupo de 75 atira 288 tiros; um grupo de 105, á razão de 5 t/p/m., 180 tiros. Em 5 minutos á razão de 2 t/p/m., um grupo de 155 lança 120 tiros.

Vê-se, portanto, que, dentro dos limites de tempo acima fixados, um grupo de qualquer calibre pode neutralizar um pouco menos que 2 Ha..

Si a superficie a bater for maior que 2 Ha., sera necesario a concentração de varios grupos. A solução de bater por partes uma Bia. seria inadmissivel, visto que só sobre a primeira parte seria realizado o efecto de surpresa indispensavel. A concentração de varios grupos impõe-se, tambem, quando dispomos de material de tiro lento que não realiza as velocidades de tiro acima previstas.

A superficie a bater, para neutralizar determinada bateria, está perfeitamente regulamentada na I. G. T. A.. Ela depende do grão de precisão das informações, da exactidão das cartas empregadas e do processo de ajustamento do tiro.

No que concerne a este ultimo ponto, o regulamento encara a possibilidade, para evitar fortes consumos de munição, de reduzir de 50% as majorações previstas para o alcance. Quanto ás majorações da direcção, elas são consideradas indispensaveis.

Esta consideração, attendendo á *economia da munição* da qual não nos podemos separar, permite encarar, com o normal, a concentração de um grupo sobre uma bateria, enquanto que, anteriormente, a utilização do martello de tres grupos era frequentemente considerada normal.

A utilização de martelos superiores ao grupo se impõe, entretanto, toda vez que a superficie a bater ultrapasse as possibilidades do grupo ou quando se tratar de neutralizar, em curto prazo, uma bateria, particularmente, perigosa.

Em qualquer caso, o artilheiro deve ter a preocupação constante de diminuir a zona a bater pelo emprego de methodos apropriados a cada caso particular.

Os martelos baterão successivamente as baterias inimigas segundo um plano pre-estabelecido ou, no decorrer de uma operação, segundo as ordens que a situação do momento inspirar ao commando da artilharia. Os tiros effectuados nas concentrações, sendo em cadencia rapida, é preciso prever intervalos que permittam o resfriamento, a limpeza e uma verificação geral no material. E' preciso prever tambem o tempo neces-

sario a cada material para a mudança de objectivo. Por outro lado, é, indispensavel não ultrapassar o consumo — horario maximo indicado pelo regulamento. Por todas estas razões, só se pode admittir que um determinado martello, no maximo, effectue quatro concentrações por hora.

OBSERVAÇÕES RELATIVAS AO EMPREGO DO PROCESSO POR CONCENTRAÇÕES

O desencadeamento sobre uma bateria de uma concentração bem ajustada, subita e densa é, sem contestação, um meio efficaz de obter uma neutralização rapida.

O efecto obtido será, porém, temporario.

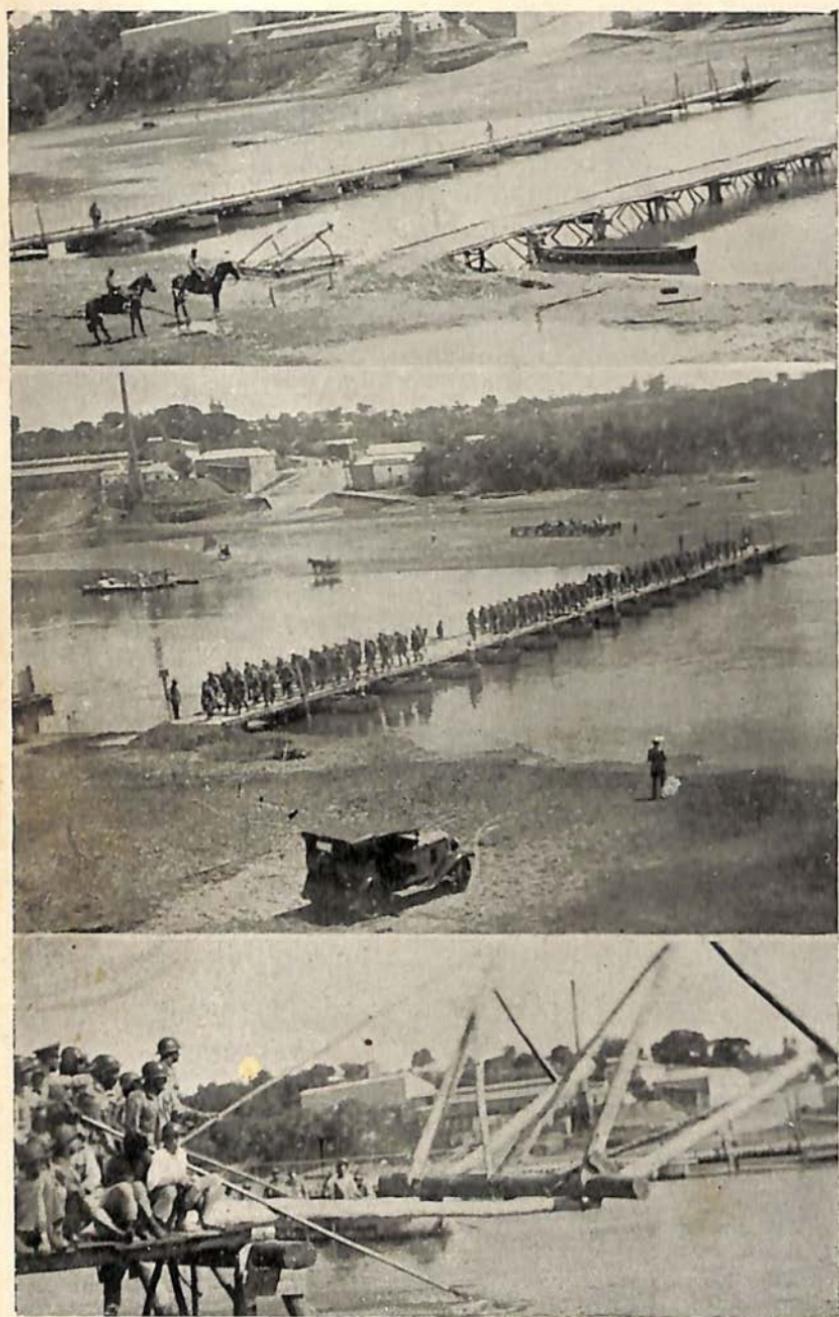
Si o tempo durante o qual a bateria deve ser mantida neutralizada não fôr curto, é necessario manter o efecto de neutralização por meio de repeticões periodicas ou, mais geralmente, por meio de uma inquietação.

Synthetizando: quanto maior fôr o tempo durante o qual a bateria deverá ser mantida neutralizada, tanto maiores serão o consumo de munição e a quantidade de material indisponivel para outras missões.

Resulta dahi, que é sempre vantajoso emprehender a neutralização por concentrações, o mais proximo possivel do momento em que desejamos que a bateria inimiga fique impossibilitada de agir. Por exemplo — quando vamos atacar, ha interesse em neutralizar as Bias. inimigas que vão participar no fogo de deter, no momento em que a nossa infantaria desembocar de sua base de partida.

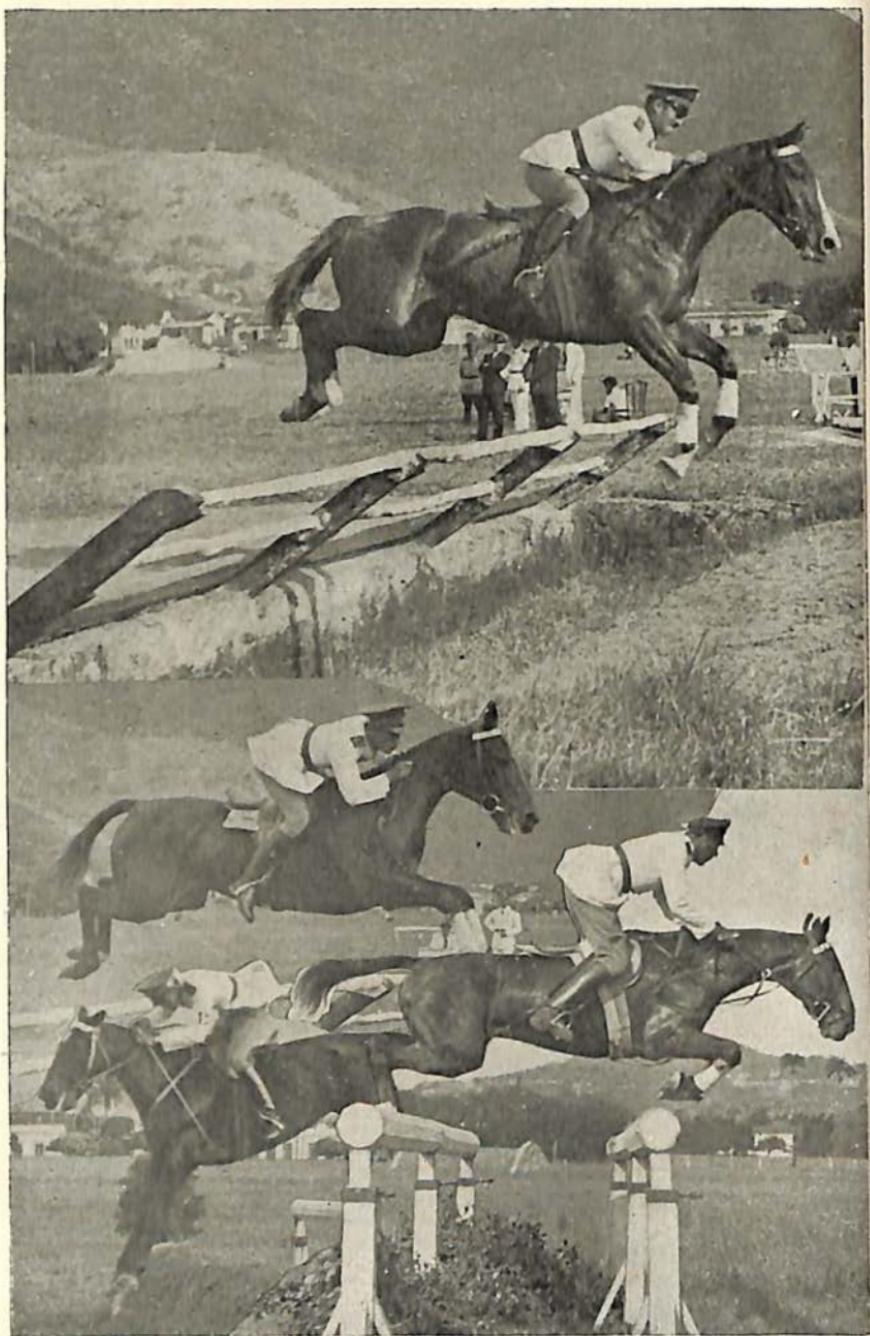
Para agir por concentrações e obter, em curto prazo, todas as neutralizações procuradas, é necessario organizar um grande numero de martellos, portanto, dispôr de meios numericamente consideraveis. Si este é, normalmente, o caso da offensiva, não o é, entretanto, o da defensiva, onde só se deve operar a neutralização por concentrações, sobre as baterias, particularmente, importantes a neutralizar com urgencia.

EM CACHOEIRA



O 2.^o Batalhão de Pontoneiros commemora seu primeiro aniversário, construindo solidas pontes sobre o Vaccacahy

ENERGIA E CORAGEM



Aspectos do último numero híplico realizado nesta capital

QUADRO COMPARATIVO DAS VANTAGENS E INCONVENIENTES DOS DOIS PROCESSOS DE NEUTRALIZAÇÃO DE BIAS.

	CONCENTRAÇÕES	INQUIETAÇÃO
Efeito moral	Muito sério, graças a surpresa e a instabilidade. Augmentado com as repetições.	Não ha surpresa, porém, o pessoal é constantemente ameaçado e progressivamente desmoralizado.
Efeito material	<p>a) — Sobre o pessoal — as baixas podem ser rapidamente sensíveis sobre o pessoal apanhado a descoberto.</p> <p>b) — Sobre o material — variável com o ajustamento e densidade do tiro.</p>	<p>a) — Sobre o pessoal — as baixas aumentarão consideravelmente si o pessoal deve continuar a atirar.</p> <p>b) — si o tiro fôr bem ajustado tende para a destruição.</p>
Instantaneidade	A bateria atacada fica, imediatamente, abalada, o que é vantajoso si os objectivos são conhecidos sucessivamente e si ha urgencia em neutralizal-os. Entretanto, levar em conta o tempo necessário para preparar as concentrações. Si para cada martello existirem N , baterias a neutralizar, a ultima só será batida, N quartos de hora depois da primeira.	Todas as baterias são batidas simultaneamente desde o inicio, porém, o efecto será progressivo.
Duração do efecto da neutralização	Difficil de prever — extremamente variável com o ajustamento e a brutalidade do tiro.	A duração do efecto coincide com a duração do tiro.
Qualidade necessaria ao pessoal e material	Pessoal (officiaes e tropas bem treinados — material de facil deslocamento em direcção, si possivel de tiro rapido. Si os objectivos não forem conhecidos com antecedencia, é necessario uma excellente rede de transmissoes.	<p>Todos os materiaes se presam.</p> <p>O treinamento do pessoal e a rede de transmissoes pode ser regular.</p>
Pressão do tiro e possibilidade de ajustamento	Impossibilidade de melhorar a ajustagem com auxilio da observação. Procede-se geralmente por transportes em direcção de grande amplitude.	Bôa, sobre baterias bem localisadas, sobre as Bias. mal localisadas pode melhorar o ajustamento.

NEUTRALIZAÇÃO GERAL

Uma phase particular da C/Bia. é aquella em que se procura obter, simultaneamente, a neutralização de todas as BIAS inimigas conhecidas.

A neutralização geral deverá ser procurada, por exemplo, antes de um ataque, no momento em que o inimigo inicia, ou está em vias de iniciar, seus fógos de contra-preparação.

Os meios de C/Bia. são repartidos entre todas as BIAS inimigas; os processos a empregar são função dos meios disponíveis, porém, de uma maneira geral, a inquietação é a mais empregada.

Os agrupamentos de C/Bia. são geralmente insuficiente. Pode-se, em consequencia, encarar a possibilidade de empregar em parte ou na sua totalidade, as A. D., para participarem da C/Bia. generalizada, uma vez que estas não sejam reclamadas por suas missões proprias.

A neutralização geral da artilharia inimiga é objecto de um plano, constantemente mantido em dia, estabelecido pelo Cmt. da C/Bia.. Seu desencadeamento depende de ordem do Commando, mas deve poder ser feito a um simples signal.

UTILIZAÇÃO DOS PROJECTIS TOXICOS

No decorrer da Grande Guerra, a C/Bia. executada com projectis toxicos foi particularmente efficaz. As baixas occasionadas por esta especie de projectil, foram extremamente sérias; algumas posições tornaram-se inoccupaveis e só o uso da mascara que ella impõe difficulta, consideravelmente, o serviço das peças, o emprego do telephone, a observação etc.

Si durante uma futura guerra, as convenções internacionaes não forem respeitadas, não resta a menor duvida que a utilização dos projectis toxicos na C/Bia. si generalizará.

A CONTRA-BATERIA NO DECORRER DAS DIFFERENTES PHASES DO COMBATE

I — MARCHA DE APPROXIMAÇÃO E TOMADA DE CONTACTO:

No decorrer de uma marcha de approximação ou numa tomada de contacto, a C/Bia. poderá impôr-se. Para isto os Ex. levarão para frente, á altura dos primeiros escalões, Grupos de 105 L.

Em alguns casos, porém, os materiaes mais pesados da A. Ex. poderão prestar seus serviços. Quando as circumstancias permittirem approximal-os da frente, no começo da marcha de approximação, elles poderão, sem deslocamentos, prestar reaes serviços.

II — ENGAJAMENTO — PREPARAÇÃO DO ATAQUE:

O atacante se esforça para fazer calar a artilharia da defesa, porém, a C/Bia. só poderá ser desencadeada com successo si o dispositivo da artilharia da defesa fôr bem conhecido.

E' de prevêr, porém, que as Bias. inimigas encarregadas das barragens fixas só se revelarão no momento exacto do ataque. Ora, estas Bias. sendo as mais perigosas ha interesse em provocar o desencadeamento de seus tiros, por meio de falsos ataques, e pôr, então em jogo todos os meios de localização disponiveis.

Um falso ataque consistirá, por exemplo, em desencadear uma barragem rolante, durante alguns minutos. As Bias. de defesa que, illudidas pela barragem rolante, desencadearem seus tiros, são localizadas e, logo, contrabatidas, antes que tenham tempo de mudar de posição.

III — DURANTE O ATAQUE:

Quaesquer que sejam as precauções tomadas, embora tenham existido falsos ataques, é justo prevêr que novas Bias. se revelem no momento do ataque real.

Um estudo preliminar, sobre a carta, pode indicar possivelmente as regiões prováveis da artilharia inimiga. Estas regiões são inicialmente consideradas suspeitas. Tiros de C/Bia. serão preparados para as regiões suspeitas, o que facilitará o desencadeamento sobre as Bias. que se revelarem no decorrer do ataque.

Algumas unidades da A. Ex. poderão ser designadas, antemão, para a neutralização immediata destes objectivos inopinados.

Os agrupamentos de conjunto das A. D. poderão participar desta missão particular da C/Bia..

IV — APROVEITAMENTO DO EXITO:

Nessa phase do combate é commum vermos o 105 L. de Ex. levado á frente e mesmo posto momentaneamente á disposição das D. I.. Os materiaes mais pesados do Ex. são deixados provisoriamente á retaguarda.

V — CASO DE INSUCESSO DO ATAQUE:

Em caso de insucesso do ataque, o atacante passa á defensiva aferrando-se ao terreno.

A artilharia inimiga vae procurar impedir sua organização defensiva; ella vae refazer seu dispositivo para dar ao contra-ataque — a desencadear rapidamente — um apoio mais efficaz; a preparação de artilharia deste contra-ataque pôde ser desencadeada a qualquer momento.

E' necessário, portanto, procurar por todos os meios localizar suas baterias para neutralizá-las. Eis porque o regulamento prescreve que neste momento a C/Bia. tem uma particular importancia.

VI — DEFENSIVA:

No periodo que precede ao ataque inimigo, a artilharia de Ex., como a divisionaria, é mantida em uma prudente discreção.

Dado o frequente desequilibrio entre as artilharias em presença, o momento não é favorável para a artilharia da de-

riosa, e que, certamente, revelando seu dispositivo, compromette sua intervenção na continuação do combate.

O commando regulará a acção da artilharia em cada caso particular, de maneira a conciliar o desejo de não revelar, prematuramente, uma parte importante de seus meios, com a necessidade de não deixar o inimigo se approximar e montar seu ataque commodamente.

Todos os meios de investigação devem ser ativados de modo a adquirir um conhecimento tão exacto quanto possível das posições de bateria, inimigas.

Não é sempre indicado atacar sem demora as baterias localizadas.

Pode-se, ao contrario, si ella não é muito importuna, deixa-la num sossego enganador, para só neutralizá-la no momento conveniente, evitando, assim, que mude de posição depois de fesa procurar uma lucta da qual não pôde esperar sahir victor-localizada.

A artilharia de Ex. participa dos fôgos de contra-preparação. Sabemos que a infantaria inimiga é o principal objectivo desta contra-preparação; porém, é tambem, particularmente, importante, não deixar a artilharia inimiga cumprir com toda a tranquilidade sua obra de destruição ou desorganização.

E' necessário, pois, que o commando determine a quantidade da artilharia de Ex. que deve ser mantida em contra-bateria.

Emfim, no momento em que o ataque inimigo fôr desencadeado, toda a artilharia da defesa deve cooperar nos fôgos de deter; não ha então logar para a C/Bia..

Neste momento a artilharia de Ex. deve reforçar ou prolongar a acção das A. D..

— : —

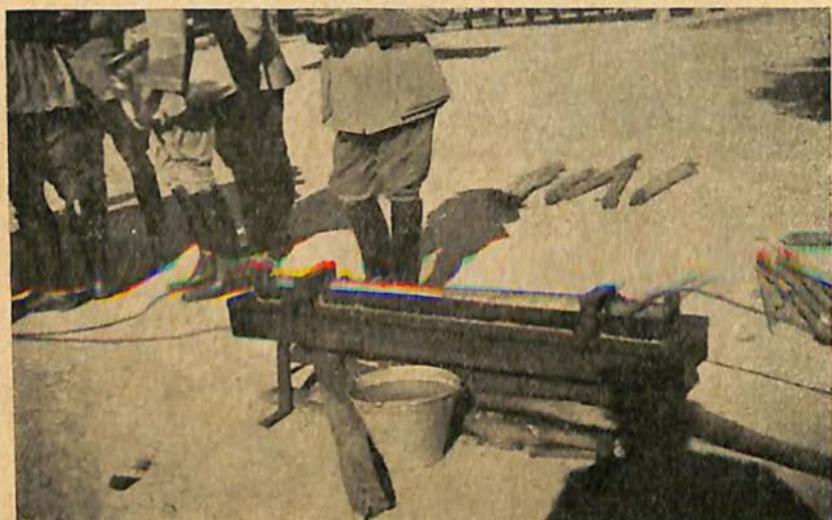
Dizia o cardeal D. Verissimo de Alencastro que em todos os negócios havia de haver estes verbos: escolher, suppor e aceitar. Escolher o melhor, suppor o peor, aceitar o que vier.

SECÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: B. GALHARDO

**Demonstração de reparafinagem do cabo de campanha,
realizada no 1º Bt. de Trns. para a turma de oficiais do
Curso Especial de Trns.**

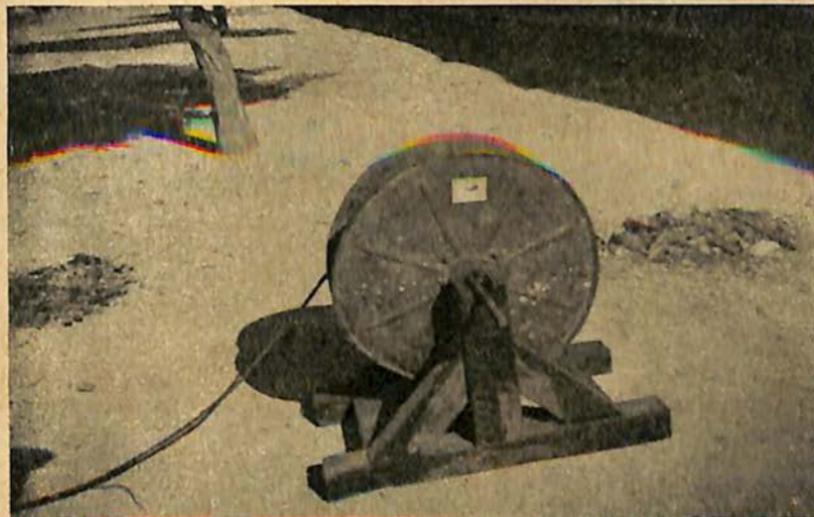
Cap. MALAN, Instructor do C. E. T.



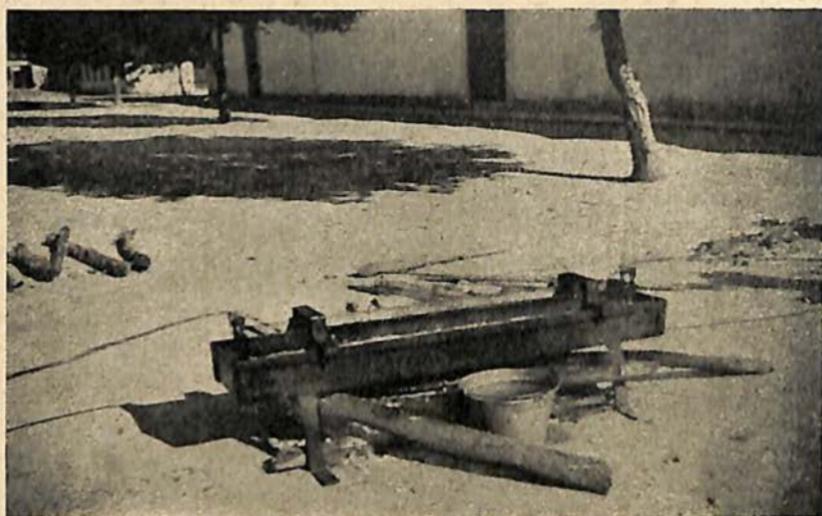
Aspecto da reparafinadeira tipo C. E. T.



Enrolamento do cabo, depois de reparafinado. Utiliza-se um carrinho desmontador



Montante de madeira, onde é collocada a bobina a ser reparafinada

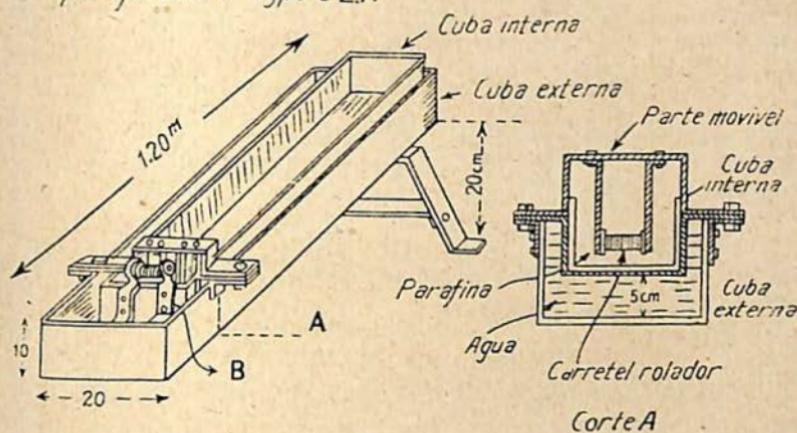


Outro aspecto da reperafinadeira



Aspecto de conjunto da reperafinadeira

Reparafinadeira tipo C.E.T.



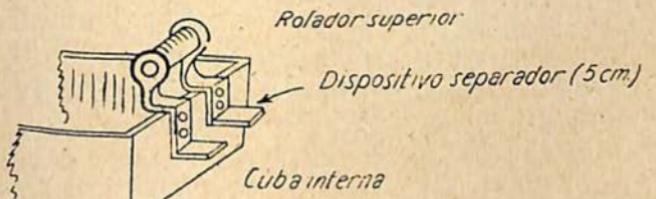
Cuba interna $\{ 10 \times 110 \times 10 \text{ cm}$

Espessura da chapa das cubas $\{ \begin{matrix} \text{Externa} = 1/8 \text{ pol} \\ \text{Interna} = 2 \text{ mm} \end{matrix}$

Espessura da chapa dos suportes $1/8 \text{ pol}$.

Comprimento do carretel 5 cm .

Diametro " " 3 cm .



Detalhe do carretel 'B'

Nota. Em cada ponta da reparafinadeira há 2 dispositivos semelhantes aos estudados

OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

1 — A fusão da parafina deve ser obtida por banho-maria.

2 — A temperatura do banho não deve nunca ser superior á temperatura de fusão da parafina. E' preenchida esta condição enquanto existir ainda pedaços de parafina solida.

3 — A velocidade de passagem do cabo no banho não deve ser muito lenta. O tempo deve ser de 10 a 15 minutos para 500 metros.

4 — A bobina na qual é enrolado o cabo depois de reparafinado deve estar a uma distancia tal que a parafina esteja sufficientemente fria.

5 — Um operador — conforme vemos na photographia do enrolamento — deve alisar o cabo com um panno no acto de guiar o enrolamento.

6 — A absorpção de parafina corresponde mais ou menos a 2kg.5 por km. E' bem verdade que o banho possue sempre quantidade maior, pois a parafina não absorvida no cabo é recuperada.

7 — Um cabo bem parafinado deve apresentar-se com uma camada de parafina bem lisa, atravez da qual pode ser observado o trançado da camada isolante sem comtudo, notal-o ao tacto.

SEÇÃO TECHNICA E INDUSTRIAL

Redactor: A. DUBOIS FERREIRA
Auxiliares: HERCHELL PROENÇA BORRALHO
POMPEU MONTE

METHODO LEDUC

Cap. de Fragata A. FALCAO.

§ 1.º Formulas basicas.

Expressão da velocidade. Interpretação das constantes

1. — Leduc admite que em um ponto qualquer do trajecto na alma, a velocidade "v" do projectil se exprime pela equação

$$(1) \quad v = \frac{a \cdot x}{b + x}$$

na qual "x" é o percurso feito por um ponto do projectil desde a posição de carregamento; "a" e "b" são constantes que caracterizam *cada movimento*.

Um movimento se distingue de outro, como é sabido, pela variação de um para outro, de uma das circunstâncias seguintes:

- No que se refere á carga: sistema de fabricação da polvora; forma e dimensões dos grãos; peso. " m " (1).
- No que se refere ao projectil: peso " p "; área da secção recta " o ".
- No que se refere á arma: capacidade da câmara " c' "; percurso total do projectil até deixar a boca " x_0 ".
- No que se refere á ligação da arma com o projectil: forçamento na partida, forma e dimensões das cintas de forçamento, propriedade do metal de que são feitas as cintas de forçamento, propriedade do metal de que são feitas as cintas, características do raiamento.

$m = \pi$ manuscripto.

Variações de um caso para outro de qualquer das circunstâncias mencionadas, se não forem desprezíveis, devem acarretar variações em "a" ou em "b", ou em ambos.

2. Tiremos em (1) o valor de "a":

$$a = \frac{b \cdot v}{x} + v$$

Se o canhão tivesse um comprimento infinito, x seria infinito e a velocidade attingiria um valor V dado por

$$V = a$$

Esta é a definição de "a". Esta constante representa a velocidade que, em dado movimento, attingiria o projectil, se o percurso fosse infinito. Como se vê "a" depende de todas as circunstâncias enumeradas, salvo a forma e dimensões do grão que podem ser quaisquer, e de x_0 que não entra em consideração.

3. Diferenciemos (1).

$$dv = \frac{a \cdot b \cdot dx}{(b + x)^2}$$

D'ahi

$$\frac{dv}{dt} = \frac{a^2 \cdot b \cdot x}{(b + x)^3}$$

Sendo P a pressão na base do projectil por unidade de superfície e " g " a aceleração da gravidade.

$$P \alpha = \frac{p}{g} \quad \frac{dv}{dt} = \frac{p}{g} = \frac{a^2 \cdot b \cdot x}{(b + x)^3}$$

Diferenciemos, outra vez:

$$\frac{dP}{dx} = \frac{p}{\rho g} = \frac{a^2 \cdot b \cdot (b - 2x)}{(b + x)^4}$$

Quando a pressão atinge o maximo $\frac{dP}{dx} = 0$, e $x = x_m$, tem-se

$$b = 2 \cdot x_m.$$

E' a definição de "b". Esta constante representa o percurso do projétil até o ponto em que a pressão atinge o maximo. Como se vê, "b" depende de todas as circunstâncias enumeradas, excepto de x_0 porque o percurso ha de ser o que faça o projectil até que pressão atinja o maximo.

Ligaçao das constantes com as circunstâncias que caracterizam o movimento

4. Imaginemos um canhão de comprimento infinito, no qual se encontre no instante de partida do projectil, uma massa gazosa de peso ρ na temperatura T_0 de combustão da polvora (1). A pressão que esta massa gazosa, contida na capacidade c' , e na temperatura T_0 estará exercendo sobre a base do projectil fica perfeitamente determinada pela equação característica que se admitta para os gases; observemos que o volume es-

pecifico desta massa gazosa é $\frac{c'}{T_0}$ e que, adoptando-se para equação característica a dos gases perfeitos, sendo R a constante característica desses gases, haverá entre T_0 , $\frac{c'}{T_0}$ e a pressão reinante que designamos por P_1

(1) A temperatura de combustão da polvora depende do seu sistema de fabricação: a temperatura de combustão das polvoras de Piquete, não deve ser a mesma que a das polvoras americanas, nem a mesma das polvoras francesas, nem, em geral, a mesma de qualquer outra polvora.

a relação

$$(a) \quad P_1 \frac{c'}{m} = R T_0$$

Se, a partir da posição descripta os gases expandem adiabaticamente, quando o volume atraç do projectil fôr

$$c = c' + \alpha x, \text{ isto é, o volume específico dos gases fôr } \frac{c}{m}, \text{ os gases}$$

terão executado um trabalho que a termodynamica ensina ter para expressão

$$T = m P_1 \left(\frac{c'}{m} \right)^n \left[\left(\frac{m}{c'} \right)^{n-1} - \left(\frac{m}{c} \right)^{n-1} \right] \frac{1}{n-1}$$

sendo n a razão entre os calores específicos sob pressão constante e sob volume constante dos gases produzidos pela combustão da polvora.

Se o percurso é infinito o trabalho tem um valor T' , dado por

$$P' = m \frac{P_1}{\Delta^n} \cdot \Delta^{n-1} \frac{1}{n-1}$$

que assim se escreve por ser

$$\Delta = \frac{m}{c'}$$

Se todo este trabalho se reencontrasse sob a forma de força viva do projectil, este teria adquirido a velocidade $V = a$, e entre T' (ou seu valor) e p , haveria a relação

$$m \frac{P_1}{\Delta^n} \cdot \Delta^{n-1} = \frac{1}{2} \cdot \frac{p}{g} \cdot a^2 \quad \text{e daí}$$

$$a = \sqrt{2 \cdot g \cdot \frac{P}{\Delta^n} \cdot \frac{1}{n-2} \cdot \left(\frac{m}{p} \right)^{\frac{1}{2}} \Delta^{\frac{n-1}{2}}}$$

Em virtude de ser T_0 tido como praticamente constante, bem como "n", para as polvoras de um dado sistema de fabricação, a expressão (a)

$$\frac{P}{\Delta^n}$$

nos mostra que $\frac{P}{\Delta^n}$ é constante, e portanto toda quantidade submettida ao radical; em consequencia escrevemos

$$(2) \quad a = \alpha \cdot \left(\frac{m}{p} \right)^{\frac{1}{2}} \Delta^{\frac{n-1}{2}}$$

Se dessemos, no calculo de "a", ao coefficiente o valor que resultasse de substituir sob o radical, as quantidades pelos seus verdadeiros valores, acharíamo o valor de "a" que corresponde a uma extensão adiabatica e no caso de reencontrar-se sob a forma de força viva do projectil todo o trabalho realizado pelos gases; mas nada disto acontece: nem a expansão é adiabatica nem todo o trabalho se reencontra sob a forma de força viva do projectil. Admitte-se então que se pôde dar conta do phénomeno real, conservando á expressão de "a" a sua forma e substituindo o valor da constante que nella entra por outro, também constante, porém menor que seja obtido experimentalmente. E' na escolha do valor desta constante que se ha de attender a todas as causas de que depende o valor de "a" que não foram attendidas na deducção de (2).

De como se organizam as experiencias para determinação de "a", trataremos, se para isto nos der espaço a Defesa Nacional em proximo artigo.

5. Atirando-se no *mesmo* canhão e com o *mesmo* peso da *mesma polvora*, projectis de pesos diferentes, a resistencia que encontram os gases para fazer a expansão é maior no caso dos projectis mais pesados. é aceitável admittir que o percurso até o ponto de pressão maxima " x_m " diminue e dizer que x_m é inversamente proporcional a certa potencia de " p ", digamos a p^z .

Atirando-se o *mesmo* projectil, com a *mesma* carga (mesmo peso da mesma polvora) em canhões de camaras diferentes, é facil aceitar que x_m diminua quando c' aumenta, e dizer que x_m é inversamente proporcional a certa potencia de c' , digamos a c'^y .

Atirando-se no mesmo canhão, o mesmo projectil com pesos diferentes da mesma polvora, isto é, com valores diferentes de Δ , resulta dos trabalhos de Sarrau, que x_m deve ser proporcional ao espaço vago (ocupado pelo ar) na camara do canhão erregado. Sendo δ o peso específico da polvora, peso da unidade de volume da polvora sob a forma compacta, o espaço vago tem para expressão.

$$c' - \frac{m}{\delta} = c' \left(1 - \frac{\Delta}{\delta} \right); \text{ segundo Sarrau, } x_m \text{ é, pois, proporcional a } c' \left(1 - \frac{\Delta}{\delta} \right)$$

Atirando-se no mesmo canhão, o mesmo projectil, com o mesmo peso de polvora do mesmo sistema de fabricação, mas deferindo as cargas umas das outras pela forma e dimensões dos grãos, os valores de x_m , ainda segundo Sarrau, poderiam ser deduzidos de um delles pela multiplicação por um coefficiente que caracterizaria o grão empregado em cada caso, em relação ao grão de que tivesse resultado o valor de x_m tomado para ponto de partida. Se chamarmos β o valor deste coefficiente para certo grão, e levarmos em conta os valores a que x_m têm de ser inversamente ou directamente, proporcionaes, e attendermos a que "b" é proporcional a x_m , podemos escrever.

$$(3) \quad b = \beta \left(1 - \frac{\Delta}{\delta} \right) \frac{1}{e^y - 1} \cdot \frac{1}{p^z}$$

sendo β y e z numeros cujos valores terão de ser obtidos pela experiência.

As expressões (1), (2) e (3) são as formulas basicas do methodo Leduc.

Em proximo artigo indicaremos as experiências que podem servir para determinação dessas constantes.

6. s valores das constantes α , y e z tem soffrido variação no Estados Unidos, onde o methodo Leduc tem sido adoptado.

Até 1912 (mais ou menos) elles escreviam, sendo a unidade comprimento o pé:

$$a = 6857. \left(\frac{m}{p} \right)^{\frac{1}{2}} \Delta^{\frac{1}{12}}$$

$$b = \beta \left(1 - \frac{\Delta}{\delta}\right) \left(\frac{c'}{p}\right)^{\frac{3}{8}}$$

de acordo com os valores

$$\alpha = 6857; z = \frac{3}{8}; y = \frac{5}{8}$$

Depois passaram a escrever

$$a = 6823 \left(\frac{w}{p}\right)^{\frac{1}{2}} \Delta^{\frac{1}{12}}$$

$$b = \beta \left(1 - \frac{\Delta}{\delta}\right) \left(\frac{c'}{p}\right)^{\frac{2}{3}}$$

de acordo com os valores

$$\alpha = 6823; z = \frac{2}{3}; y = \frac{1}{3}$$

E' digno de nota que nos valores actualmente usados é $z > y$, ao passo que antes era $z < y$.

Esta modificação resultou de experiências realizadas e interpretadas por Patterson em 1912.

(Continua).

Nota — Devo lealmente declarar que sou infenso ao chamado methodo de Leduc, de que me occupo por ter ainda voga nos Estados Unidos.

MAURICIO DE NASSAU E A FORTIFICAÇÃO

Major PAULO B. AMARANTE

Está em foco, espectacularmente, a figura do grande Holandês: as opiniões autorizadas divergem quanto à oportunidade e conveniencia de se homenagear Nassau no Brasil. Não pretendemos tomar parte na discussão, que para tanto nos falece autoridade, quanto aos aspectos publicos, culturais e nacionalistas.

Porém, já que se está tratando de Nassau — e isso não implica em tomar partido por esta ou aquella corrente de opinião — é interessante lembrar-o num aspecto geralmente esquecido: Nassau como mestre na Fortificação, influindo nella nuda época marcante da evolução dessa arte.

A organização do ataque, como a da defesa, tem passado, ao longo da História, por fluctuações. Vemos a defesa, na antiguidade já longínqua, basear-se nas linhas continuas (Muralha Chineza, muralhas romanas); essa concepção, depois de um colapso de quasi duas dezenas de séculos, parece querer resuscitar, nas moderníssimas fortificações francesas da Linha Maginot. Aliás, o princípio da continuidade já se revelara na Grande Guerra, na faixa continua de fogo flanqueante ao longo da frente.

O obstáculo tem uma trajectória análoga. Na origem, o obstáculo era toda a fortificação — a muralha. O fosso, por esse motivo inexistente na defesa primitiva, surgiu nos "castros" romanos, como obstáculos *contra os homens*; e esse fosso, a que se refere Vegecio, existia porque circundava os acampamentos dos exercitos, que nada tinham a temer das máquinas de assalto, não só porque dispunham de grande efectivo para se opor às guarnições das máquinas, como porque os povos que os Romanos combatiam raramente as utilizavam.

Na Fortificação medieval, foi pouco empregado o fosso; pelo menos, como obstáculo no sentido moderno do termo. O que se encontrava muitas vezes era uma depressão destinada a estorvar o avanço das máquinas, as grandes torres moveis. Como, para atingir esse objectivo, fosse preciso dar-lhe gran-

des dimensões, tornava-se elle anti-económico, por mais dispendioso que as muralhas de pedra.

Teve assim emprego pouco generalizado.

Foi o surto da Artilharia no seculo XV, contra a qual as antigas muralhas eram impotentes, que deu inicio á importancia do fosso, como obstáculo. E elle dominou como forma principal de obstáculo até 1914.

As alterações profundas da arte da guerra que se processaram naquelles quatro annos memoráveis, deixaram-n'ó em cheque. A rede de arame que, anteriormente, estava relegada para a categoria das defesas "accessórias", com qualquer causa de depreciação⁴ no qualificativo, cresceu em importancia, e acabou impondo-se a ambas as Fortificações.

Hoje, está o fosso sentado no banco dos réus, aguardando julgamento definitivo; nesse julgamento, a Aviação o accusa, exprobando-lhe a indiscreção com que lhe revela a localização e o contorno preciso das obras da defesa; os carros de combate defendem-n'ó, como possível estorvo a seu avanço. Mas sua condenação é muito provável: os inconvenientes do fosso contra os carros de combate são idênticos aos antigos inconvenientes contra as máquinas primitivas. E' pois quasi certo que elle torne a desaparecer. A Historia repete-se.

Assim como foi frequentemente mais económico construir muralhas, também será talvez menos dispendioso — e mais eficaz — instalar canhões de pequenos calibres de tiro rápido contra os carros, do que recorrer ao fosso.

O ataque, por sua vez, oscilla também entre conceitos diversos:

Nas civilizações primitivas, em que faltava a doutrina, o assalto dependia do valor individual, e suas linhas determinantes eram de um modo geral, normas á frente. Com os Gregos e Romanos, já organizados e disciplinados, surge o combate das massas articuladas e colaborantes — os ataques individuais se dão as mãos lateralmente — o assalto toma a forma linear, em linhas continuas, paralelas á frente.

Surgem as linhas de arqueiros, as paralelas de ataque, com máquinas mesmo — o "musculus" dos Romanos, especie de escudo sobre rodas, com que o assaltante se abrigava do efeito das armas de arremesso dos defensores.

A decadencia da civilização na Edade Media affectou tambem a offensiva — voltou-se ao que se pode chamar tambem ataque individual no assalto ás fortificações — o ataque contra um ponto da frente, onde se ia fazer a brecha, sem pre-occupação pelos flancos, por parte, quer do assaltante, quer do assaltado.

Mais tarde, voltou-se á tradição antiga das parallelas, que o progresso da Artilharia nos meados do seculo XV fez abandonar novamente, passando-se a fazer o assalto pelos “zig-zags”, normaes á frente, com o objectivo de chegar á muralha e abrir brecha mais rapidamente, subtrahindo-se logo aos effeitos do fogo da defesa.

Coube a Nassau reunir as parallelas, percebendo a utilidade das “linhas de contravallação” que envolviam completamente a praça sitiada; isso deu, pelos exitos obtidos, grande lustre á chamada Escola Hollandeza, nesse alvorecer do que se pode chamar a epoca moderna da Fortificação, em que se estavam firmando os principios que predominaram até o advento do concreto, quando as antigas alvenarias começavam a fraccassar perante a granada de alto explosivo.

Lançou portanto Nassau os fundamentos sobre que Vouban, um seculo mais tarde, assentou as regras do ataque systematizado, cuja primeira phase era o cerco completo da praça, e seu consequente isolamento, que a impossibilitava de receber qualquer socorro do exterior. As phases subsequentes se desenvolviam ao abrigo dessas linhas envolventes.

E' pois o Hollandez que ora apaixona as opiniões, tambem um mestre da Fortificação, no seu aspecto poliorcetico, pelo menos, e, como um dos precursores do maior dos engenheiros militares da chamada Edade Moderna, não deve ser esquecido por nós.

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor: S. SOMBRA

UM PROGRAMMA PEDAGOGICO

Cap. S. SOMBRA

(Continuação)

TITULO I

INTRODUÇÃO

CAPITULO I — DEFINIÇÃO, COMPREHENSÃO E DURAÇÃO DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1—*Como pode ser definido o plano nacional de educação? Qual deve ser a sua comprehensão? Deverá abranger sómente as actividades escolares ou se estenderá a todas actividades extra-escolares de influencia educativa?*

(A actividade militar pode ser considerada um actividade extra-escolar de influencia educativa? A passagem do recruta pela caserna não estará nesse caso? A “educação moral e cívica” e parte da “instrucção geral” que lhe são ministradas não têm grande influencia educacional? Deveriam-ellas obedecer a um plano geral, de forma a concatenar tal ensino com o correspondente das escolas primarias? Como praticamente realizar essa ligação?

As commemorações e festas militares podem ser consideradas actividades extra-escolares de influencia educativa? E o culto aos heróes nacionaes? Não conviria que a juventude das escolas participasse de taes ceremonias cívicas? Como articular um plano nacional nessa ordem de idéas?

Que outras actividades militares educacionaes poderiam ser encaradas?)

4/1936

CAPITULO II — PRINCIPIOS QUE DEVEM ORIENTAR A EDUCAÇÃO NO BRASIL

7—Que principios especiaes devem orientar a educação, em todo o paiz, de maneira que ella sirva efficientemente á segurança e á ordem, á continuidade e ao progresso da nação brasileira?

(Esses principios devem traduzir-se em normas pedagogicas, em recomendações ás autoridades interessadas, em programmas de ensino? Como, então, collaboraria o Exercito na sua adopção? De modo geral, como poderiam elles ser definidos? Terão elles apenas relação com a classificação do ensino geral? Como preparar o espirito da juventude escolar para que ella venha a possuir a noção de segurança nacional? Até que ponto o ensino da historia patria concorre para tal preparação? Conviria a existencia de organizações patrióticas escolares? Que ligações teriam ellas com o Exercito?)

8—Que sentido têm as expressões espirito brasileiro e consciencia da solidariedade humana, empregadas no art. 149 da Constituição?

(Como eviar que taes expressões venham a ser tomadas num sentido internacionalista perigoso á segurança nacional e desprezador das glorias militares da Nação? Como neutralizar a influencia corruptora de dm pacifismo equivoco, de origem communista, que, valendo-se da expressão constitucional, já se tem feito sentir no ambiente escolar? Como fazer conciliar, no espirito da juventude das escolas, “consciencia da solidariedade humana” com legitimo pundonor nacional e patriótico orgulho dos heróes e do passado militar do Brasil? Até que ponto a “consciencia da solidariedade humana” deverá impedir proviências nacionalisadoras em relação aos imigrantes, como sejam proibição de escolas, professores e livros escolares estrangeiros nos nucleos immigratorios e acção educativa assimiladora brasileira? O “espirito brasileiro” poderá permitir ao menos medidas prohibitorias relativamente a livros escolares de exaltação patriótica das glorias militares de nações estrangeiras, diffundidos nos nucleos immigratorios oriundos dessas nações?)

TITULO II

DAS INSTRUÇÕES EDUCATIVAS

CAPITULO II — DO ENSINO GERAL (SECÇÃO II —
SUB-SECÇÃO IV)

35 — Qual é o ensino secundário? Que finalidades deve ter?

36 — Deve haver mais de um tipo de curso secundário? Em caso afirmativo, que tipos haverá? Qual o objectivo de cada um delles?

37 — Que duração deverá ter cada tipo de curso secundário?

Não deverão todos os tipos ter a mesma duração? Que matérias constituirão o programma de cada tipo de curso secundário e quaes os que deverão ser communs a todos elles?

38 — Em que medida (numero de annos e de horas semanais) será exigido o estudo do grego e do latim no curso secundário?

39 — Cada tipo de curso secundário deverá constituir um sistema estanque?

40 — Os diferentes tipos de curso secundário darão os mesmos direitos de acesso a quaesquer cursos superiores?

41 — Como se articulará o ensino secundário com os outros graus ou ramos de ensino?

42 — Quaes as condições de matrícula no curso secundário? Qual o minimo e o maximo de idade para o ingresso no curso secundário? Deve-se exigir do candidato á matrícula certificado de conclusão do curso primário? Como se fará o exame de admissão ao primeiro anno do curso secundário? Sobre que matérias deve versar este exame?

43 — Que exames devem ser exigidos no final do curso secundário? Deve haver o exame de madureza? Versarão as provas apenas sobre os assumptos ensinados no ultimo anno letivo?

46 — Como deve ser feita a administração interna das escolas secundárias?

(Os Collegios Militares constituem um typo de curso secundario ou curso mixto? Deverão elles obedecer ás linhas geraes a serem adoptadas para o ensino secundario no Plano Nacional de Educação ou permanecerem compartimentos es- tanques? Não constituirão os C. M. nocivo elemento pelo familialismo militar que podem produzir? Não seria preferivel que os filhos de militares gozassem das vantagens economicas, que lhes facultam os Collegios Militares, nos proprios estabelecimentos secundarios officiaes do paiz? As normas pedagogicas adoptadas actualmente nos Collegios Militares satisfazem plenamente as finalidades do ensino? Não seria conveniente comparal-as com a serie de perguntas formuladas no Questionario?)

CAPITULO II (SECÇÃO III — SUB-SECÇÃO I).

48 — *Que é o ensino especialisado? Quaes as suas finalidades?*

51 — *Quaes os varios rumos do ensino especialisado? Quaes as especies de cursos especialisados dos diferentes graus?*

52 — *Em que proporção deve ser ministrado o ensino theorico e o ensino pratico nos cursos especialisados?*

53 — *Como articular o ensino especialisado com o ensino commun?*

(O ensino militar não é um ensino especialisado? Satisfaz a proporção actualmente existente entre o ensino theorico e o pratico em nossa Escola Militar? Não conviria que a Escola do Realengo tivesse por fim a preparação theorica do cadete, num curso fundamental de 2 annos, e que esse concluido fosse o alumno transferido para a Escola da arma que escolhera, cujo curso poderia ser de 1 anno ou mais? Como seria articulado então aquelle curso fundamental com o ensino universitario? Conviria adoptar o typo francez?)

CAPITULO II (SECÇÃO III — SUB-SECÇÃO IV).

63 — *Que é o ensino especialisado superior? Como caracterisa-lo?*

64 — *Quaes serão os cursos especialisados superiores? Que outros além dos existentes, devem ser instituidos?*

65 — *Que modificações devem ser feitas na organização actual dos cursos de direito, de medicina, de engenharia, de phar-macia, de odontologia, de agricultura, de veterinaria e de outros cursos superiores que têm regular funcionamento no paiz?*

67 — *Como organizar cada um dos cursos superiores, quanto ás condições de matricula, ás materias que devem ser ensinadas, á sua seriação, ás regalias conferidas pelos diplomas?*

(Que modificações geraes conviria introduzir no ensino mili-tar superior e, de modo particular, em cada escola? As es-colas de Veterinaria e de Intendencia são do grau medio ou su-perior do ensino especialisado militar? Em que relação estão com os cursos civis de veterinaria e de contabilidade e finan-ças? Satisfazem as suas condições actuaes de recrutamento? Que correspondencia existe entre o curso de intendentes de guerra e o dos institutos civis de sciencias economicas?)

CAPITULO III — DO ENSINO EMENDATIVO.

76 — *Que se deve entender por anormaes? Para fins edu-cativos, como classifical-os? Que outra designação lhes poderia ser dada? Devem ser instituidos cursos para anormaes? Quaes as suas finalidades? Em que o ensino dos anormaes deve dif-ferir do ensino dos normaes? Para que especies de anormaes devem ser organisados cursos?*

(Os chamados recrutas retardatarios não são anormaes do physico, da intelligencia ou do caracter? Satisfaz o methodo de ensino para elles adoptado na tropa? Como organizar tur-mas especiaes para sua instrucção? Como deveria ser articulada a sua observação com os orgãos technicos do ensino no paiz? Deverão ser afastados da caserna os anormaes profundos? Os anormaes do caracter não deveriam ser encaminhados previa-mente aos estabelecimentos especiaes? Como proceder a obser-vação da manifestação de anormalidades nos reerutamentos?)

CAPITULO IV — DO ENSINO SUPPLETIVO (SECÇÃO IV).

102 — *Como deve ser resolvido o problema da educação dos selvícolas? Que cursos e que escolas devem ser estabelecidas para esta educação? Como mantê-la?*

(A actual organização do Serviço de Protecção aos Indios permite-lhe desempenhar-se cabalmente da sua missão educacional? Que modificações conviria introduzir nesse sentido? Satisfazem os methodos pedagogicos presentemente adoptados? Conviria transferir o Serviço ao Ministerio da Educação ou ao do Trabalho?)

CAPITULO V — DA EDUCAÇÃO EXTRA-ESCOLAR.

103 — *Em que consiste a educação extra-escolar?*

104 — *As actividades relativas á actividade extra-escolar concernem sómente á diffusão de conhecimento ou têm, ainda por objectivo o progresso e o aprimoramento da cultura intellectual em geral?*

105 — *Por que meios deve ser feita a educação extra-escolar?*

106 — *Como instituir, organizar, administrar os orgãos destinados á educação extra-escolar?*

107 — *Entre as instituições de educação extra-escolar, devem ser consideradas as missões culturais, destinadas a levar áquelles pontos do territorio do paiz, onde falte a educação escolar, ensinamentos de civismo, de hygiene, de artes industriaes, etc.?*

108 — *Devem os orgãos destinados á educação extra-escolar fazer parte dos systemas educativos, a que se referem os arts. 151 e 156 da Constituição?*

(O culto das glórias militares do Brasil e o conhecimento e interesse pelos problemas e orgãos da defesa nacional não devem ser considerados factores da educação extra-escolar? Não seria conveniente a criação de uma Comissão de Commemorações Nacionaes no Ministerio da Educação? Não conviria a organisação de uma Comissão Especial no Estado-Maior com o objectivo de preparar os elementos necessarios a uma collaboração do Exercito nos serviços de propaganda nacio-

nal? Taes elementos não poderiam ser films militares, cartões-postaes com os retratos dos nossos grandes generaes e quadros das nossas grandes batalhas, comunicados radiophonicos semanaes sobre os principaes actos da vida do Exercito precedidos de curta oração relativa ao principal feito militar cuja data seja proxima? Que outros meios deverão ser lembrados como reacção permanente á infiltração de ideologias á disciplina e á missão das Forças Armadas?

Qual a maneira practica de zelar o Exercito pela narrativa verdadeira da nossa historia militar e exaltação dos seus heróes e factos gloriosos nos livros escolares? Não deveria o Exercito promover a erecção de monumentos ou marcos comemorativos nos locaes historicos das guerras contra os holandezes e os franceses e a restauração dos das guerras no sul? Não deveria o Exercito obter a incorporação ao Patrimonio Historico recentemente creado da fazenda onde veiu a falecer Caxias e que fossem collocadas placas com inscripções evocativas nas casas que morreram os outros grandes chefes militares brasileiros, no passado? Não deveria possuir o Exercito uma verba para aquisição de peças militares historicas destinadas ao Museu Historico ou Museu Militar a ser organisado, uma vez que por falta de recursos officiaes objectos preciosissimos pertencentes aos nossos grandes generaes têm ido enriquecer collecção particulares, até no estrangeiro? Como estabelecer entendimento entre os Ministerios da Guerra e da Educação no sentido de serem aproveitadas as peças (bandeiras, condecorações, armas e fardas) conservadas no Museu Historico para ilustrar as prelecções escolares, e abrilhantar as comemorações publicas ou nos quarteis, nas datas militares? Que outras suggestões poderiam ser apresentadas relativas á educação extra-escolar do ponto de vista civico-militar?)

TITULO III DA ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO

CAPITULO I — DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL.

115 — *Que é o Conselho Nacional de Educação? Que atribuições deve ter: simplesmente consultivas ou tambem deliberativas?*

tivas? Deve o Conselho Nacional de Educação decidir sobre assumptos meramente technicos ou tambem administrativos?

116 — *Como deve ser organizado o Conselho Nacional de Educação: de representantes das varias actividades socieus, de representantes dos diversos ramos e graus do ensino, ou de pessoas entendidas nos varios assumptos de educação? De quantos membros se deve compor o Conselho Nacional de Educação? Por quanto tempo devem ser nomeados?*

117 — *Como deve funcionar o Conselho Nacional de Educação?*

(Não deveria ter o Exercito um representante no C. N. E.? Como escolhel-o e indicar-l-o? Deveria ter assistentes technicos ou ser assessorado pela propria 3.^a Secção do E. M. Deveria ter apenas funções consultivas e só quanto ao ensino militar? Ou caber-lhe-hia tambem o exame dos livros escolares na parte referente á historia militar e o direito de intervenção nas medidas pedagogicas ou planos de ensino que affectassem a educação patriotica e a segurança nacional?)

TITULO IV

DO PESSOAL DOS SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO

Toda a materia contida nesta parte do Questionario interessa ao Exercito, mas seria por demais longa a sua transcrição. Assim, recommendamos a sua leitura no proprio folheto distribuido pelo Ministerio da Educação, o que, aliás, seria conveniente tambem quanto ás partes transcriptas afim de ser obtida uma visão de conjunto mais comprehensiva.

O Titulo IV divide-se em capitulos assim intitulados:

“Da classificação e padronização dos cargos”, “Da preparação do pessoal” e “Do recrutamento e dos direitos do pessoal”.

(Conviria uma padronização geral do professorado militar? Como preparar, recrutar, seleccionar e promover os professores militares? Satisfaz o criterio actual? A que meios recorrer para se evitar a prática anti-pedagogica da designação repentina de officiaes do corpo administrativo ou de instructores dos Collegios Militares para reger cadeiras theoreticas?

Que condições estabelecer no provimento das cadeiras de Direito, Legislação, Sociologia, Economia Política, Historia, etc. afim de preaver o ensino militar contra a infiltração de ideologias oppostas á idéa de Patria e á propria existencia do Exercito? Conviria reunir o professorado dos Collegios Militares num Quadro unico cujos elementos fizessem o rodizio pelos diversos Collegios? Não caberia aqui examinar tambem a questão relativa ao recrutamento de Officiaes instructores para os estabelecimentos de ensino militar?)

TITULO V

DO REGIMEN ESCOLAR

As questões deste Titulo applicam-se todas ellas ao nosso ensino, convindo pois examinal-o completamente e tambem o numero 160 do Titulo VI.

TITULO X

DO ENSINO RELIGIOSO

179 — *Como deve ser ministrado o ensino religioso? Por que professores? Haverá programmas para o ensino religioso? Em que limite de tempo deve ser ministrado o ensino nas escolas publicas primarias, secundarias, profissionaes e normaes?*

(Como satisfazer o preceito constitucional e as questões acima, nos Collegios Militares?)

TITULO XII

QUESTÕES DIVERSAS

193 — *Que normas deve conter o plano nacional de educação physica? Em que medida e de que modo deve a educação physica ser ministrada nas escolas pre-primarias, primarias e elementares, secundarias e medias, e superiores?*

(Não conviria que aquelle plano fosse elaborado pelo Ministerio da Guerra, de maneira que o cidadão ao entrar na ca-

seria não iniciasse uma educação physica, mas prosseguisse na serie de exercicios que vem realizando desde a escola primaria?)

198 — *Como deve ser ministrada a educação moral e cívica em todas as escolas do paiz?*

(Além do que foi desenvolvido no Título I, que outras questões caberiam aqui? Satisfazem as actuaes aulas de educação moral cívica nos Corpos de Tropa? Como auxiliar os Instructores e tornar mais objectivas as preleções? Como utili-
izar os museus locaes? Não conviria estabelecer um Programma unico de Educação Moral e Cívica para todos os Corpos, com as virtudes, datas e acontecimentos a serem focalisados, exemplos que concretissem aquellas e recomendações práticas destinadas aos Instructores? Não seria conveniente preparar nos Corpos exercicios e festas militares dedicadas ás escolas locaes? Não deveriam ser distribuidas pelos alojamentos das Companhias pequenas reproduções de quadros com os episódios heroicos da nossa historia militar?)

201 — *Como deve ser a radiophonia aproveitada pela educação?*

(Não conviria, além do que foi desenvolvido no Título II — Capítulo V, que nas datas militares fosse irradiado um programma especial dedicado ao Exercito?)

202 — *Que devem fazer a União, os Estados e os Municípios para proteger os objectos de interesse histórico e o patrimônio artístico do paiz (Constituição, art. 148)?*

(Que deve fazer o Exercito? Como promover a incorporação á Directoria do Patrimônio histórico e artístico, recentemente criado, dos immoveis ligados aos grandes acontecimentos e vultos da historia militar do Brasil? Não deveria ser promovida a construcção do Pantheon Nacional ao qual seriam recolhidos os despojos dos grandes brasileiros falecidos ha mais de 50 annos?)

O exame de todas essas questões relativas ao ensino militar não conduz á evidencia da necessidade de um grande órgão especializado que o superintenda — a *Directoria do Ensino Militar*?

7/193

SEÇÃO DE ESTUDOS SOCIAIS

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

O MARXISMO, INIMIGO COMMUM!

Pelo 1º Tenente H. O. Wiederspahn

O silencio proposital forjado pela censura clandestina da triagem noticiosa realizada pelas agencias telegraphicas mundiaes, poderosos trustes nas mãos das forças occultas do super-capitalismo internacional, que das associações secretas judeu-maçonicas e de suas resoluções tecem todo um trama de intrigas em pról de interesses mesquinhos e subalternos de uma minoria, procura em vão encobrir a verdade e desviar o curso do despertar das consciencias nacionaes no mundo. Estas, com tenacidade e fé intangivel, vão aos poucos restabelecendo a verdadeira finalidade do Estado dentro da Nação para o imperio do bem, da sinceridade, da toda responsabilidade e do reconhecimento pleno dos verdadeiros valores e méritos de caracter essencialmente nacionaes.

E' que a tempera das massas que combateram e soffreram nas linhas de frente para enriquecer a falta de escrupulo de fornecedores vorazes e mancomunados, sentira a revelação das causas reaes da trama sangrenta de 1914 a 1918, forjada para enfraquecer os nacionalismos mais fortes espalhando a cisania entre os diversos povos de origem preponderante árica mais ou menos remota e assim preparar o ambiente para o golpe do satanismo vermelho judeu-marxista desde a *zisctadura democratica* (?) de Kerensky até a orgia materialista bolchevista.

As crises sociaes sempre foram orginadas nas crises moraes de que o mal-estar economico tem sido apenas uma consequencia. A propaganda subversiva é mais um meio lançado nos povos pelos inimigos eternos do espirito nacional para galgar os postos de mando politico-economicos.

O que se passa no mundo occidental, ao qual pertencemos, é um verdadeiro choque de concepções moraes e intellectuaes;

é uma verdadeira luta espiritual. De um lado as vigas mestras de Deus, Patria e Familia, que se espelham no nosso passado, onde vemos se irmanarem brancos, pretos e amerindios na estructura da nacionalidade brasileira, reflectindo na realidade cruel do presente, mas vivificadas na fé indestructivel das almas jovens daquelles que vão conquistar o futuro. Do outro lado os inimigos declarados de todas as patrias, havendo monopolizado quasi toda a chamada grande imprensa, todas as agencias noticiosas, quasi todas as organizações de propaganda e editoras, proseguem atacando em todos os sectores physicos e moraes as crenças espiritualistas, as ceremonias religiosas e cívico-nacionalistas, os laços da tradição e do respeito, a disciplina hierarchica, a noção sagrada e carinhosa da familia e, acima de tudo, o amor patrio. No ambito da Historia deturpam factos pelo despistamento, pela mentira e pela omissão proposital, auxiliando-se nas organizações acima referidas para lhes dar fama e grande difusão. Tal aconteceu com as obras dissolventes, em sua essencia de Emil Ludwig (aliás Cohn), Stefan Zweig, Lion Feuchtwanger, Friedlaender, Lévy, Renan e outros, aliados ao super-sensualismo do libido de Freud, da relactividade absoluta do "fallecido" Einstein, do cinema dos Lasky, Goldwin, Meyer, Fox, Lubitch, etc.

Em toda parte, em todos os ramos da actividade humana se accentua a luta de um povo, minoria mundial internacionalista morbida, megolâma, decadente, presumpçosa, exclusivista e cruel, contra tudo o que nos é sagrado e não lhe pertence nem lhe serve. Dotado de um super-nacionalismo ferrenho, este povo comprehende perfeitamente que o imperio de nossas noções de moral, de dever e de nacionalismo é o unico obstaculo que lhe impede a chefia da direcção politico-economica. Sua labia e o dinheiro corruptor que lhe espalham tem conseguido Efialtes e Iscariotes em toda parte, uns conscientes pela venda do proprio "eu", outros envenenados com vagar e perfiancia pela propaganda livresca, pela facilidade e gosto do luxo, dos prazeres e dos vicios que em todos enfraquecem a estructura moral e ethica. As proprias organizações clandestinas do trafico de escravas brancas para a exploração do lenocinio está inteiramente nas suas mãos, como outrora o commercio nefando de escravos nos tempos da Iberia mou-

rescas e, posteriormente, na phase da colonização das Américas.

Nesta lucta naufragaram as grandiosas civilizações egypcia, assyria, babilonica, persa, helenica e romana. Da mesma forma são solapados os alicerces da civilização christã-occidental numa ação corrosiva constante desde os esplendores do bem estar social e economico que aureolou a tão difamada Idade Medieval.

A Idade Média só foi a idade das trévas para aquelle povo exclusivista que em absoluto medrou naquelle ambiente de luz, estudo, saber e arte, attestados inilludivelmente pelas obras grandiosas de architectura e bom gosto dos cortezaos medievaes e das intelligencias profundas que embellezam as estantes das bibliothecas e os mostruarios dos museus.

Arrastando os mouros e os turcos mais uma vez os mesmos homens tentaram arrastar o "status quo" medieval christão-árabe-occidental. Facilitaram a invasão de Tarik e lhe abriram as portas das fortalezas ibero-godas. A outra onda chegou aos muros de Vienna d'Austria. Mas os descendentes mais ou menos puros das migrações celtas, germanicas e slavas souberam deter em Portiers e deante daquelles mesmos muros a horda asiatica, que soffria tambem o rude golpe de Lepanto.

Nova tactica começou então a ser empregada. Era preciso enfraquecer os baluartes da civilização occidental lançando as tribus européas uma contra as outras, para romper a unidade moral e espiritual das nações indo-européas de então. Assim se lançaram os germens da grande revolução social e religiosa que se chamou a Reforma e que serviu da pretexto ás desvastações inauditas da Guerra dos Trinta Annos. Destruiu-se o bem estar no chão do Imperio Romano da Nação Allemã e uma série de especulações immoraes enfraqueciam os dois riquíssimos reinos da Ibéria.

Surgia então uma nova potencia na Europa como baluarte do estado de coisas de então: a França. Breve viria a sua vez de ser atacada. No dominio economico procurava-se por todos os meios empobrecer aquelle paiz, sobrecarregando a lavoura de impostos para suffocal-a, ao mesmo tempo que a falta de visão dos reis e fidalgos permittiam o imperio do ouro sobre o merito. Seguiram-se os grandes escandalos, "typo Stawiski",

da epocha. A miseria se approximava ante o relaxamento dos costumes e a facilidade do luxo, prognosticados pelos naturistas e physiocratas.

No campo espiritual implantará-se aos poucos o pansexualismo, filho directo do pantheismo da escola judeu-ibérica do famoso Moysés Moimonde (1135-1204), pae do racionalismo dos seus compatriotas Uriel da Costa (1585-1640) e Baruch Spinoza (1632-1677), este compilador dos conceitos do phylosopho francez Renato Descartes (1596-1650). Paralelamente á Reforma christã, a influencia das escolas daquelles tres sabios judaicos começará a levar o materialismo contra a tradição mosaica e talmudica de sua crença orthodoxa profunda, transformando aos poucos o seu povo numa verdadeira nacionalidade exclusivista que abandonou de vez a aparente de congregação religiosa e cultural para se atirar ao néo-menssianismo politico-económico, ora em choque com o espirito de conservação caracterizado pelo despertar do nacionalismo em todos os paizes do globo. Começa-se a compreender que "a formação de uma nacionalidade é, antes de tudo, um phenomeno de ordem psychica ou espiritual. Não se comprehende a existencia de uma nação sem a existencia de consciencia collectiva mais ou menos vasta". (José Antonio Nogueira).

Nos meados do seculo XVIII esta campanha materialista se viu orientada desde Berlim por Moysés Mendelssolm (aliás Mosse-ibu-Menssaben, 1729-1786), graças ao concurso de suas formosas filhas nos seus salões, onde conseguia, aos poucos, envolver muitos dos homens da chamada era do romantismo. O adulterio daquellas concluiu a obra pouco depois da morte do pae.

Sua acção sobre o bavaro Adam Weishampt (1748-1830), professor de direito canonico em Inglesstadt, fez com que este organizasse o agrupamento revolucionario-communista dos "illuministas", ordem secreta pouco depois recebida no Grande Congresso Maçônico de Frankfurt, de 1782 onde se tratou de ultimar o plano da revolução mundial que se deveria irradiar da que irromperia em 1789 na França. Seria auxiliado na intentona social pelos "illuministas-martinistas" de Lyon com José Fouché (1759-1820), pelos "jacobinos" de Paris com Fran-

cisco Emilio Babeuf (1760-1797), João Paulo Marat (aliás Mosesolm, 1743-1793), Jorge Jacob Danton (1759-1794), Maximiliano Francisco Isidoro de Robespierre (1758-1794), todos de origem israelita mais ou menos proxima, e pelo Grande Oriente francez "chefiado" apparentemente pela ambição de Felippe Egalité (1747-1793). Esta primeira revolução mundial, que veiu cahir nas mãos da esquerda ultra-revolucionaria, foi financiada com ardor pelo capitalismo internacional do Tamisa.

Mas, um homem de genio e clarividencia salvou a França do chaos, salvou-a para os franceses e não para os arrivistas. Por isto foi combatido e trahido por Fouché e pelo ouro dos Rothschild. Napoleão sabia dar o devido valor ao systema eleitoral fracassado em sua nação e sempre soube preserval-la das graras aduncas dos emprestimos externos e seus juros interminaveis. As algemas de ouro só cahiram sobre a França após a segunda abdicação do genio das batalhas! Isto é silenciado por Ludwig!...

Da lucta contra Napoleão surgiu novo obstaculo aos manejos internacionalistas dos inimigos dos povos e seus aliados. As reacções nacionalistas hespanhola e prussiana foram pois mystificadas no Congresso de Vienna. Renasceu a campanha com o judeu Henri Heine (1797-1856) que do seu exilio em Paris soube desviar o socialismo nacional da "A joven Alemanha", filiada á corrente do italiano José Mazzini (1805-1972), para o internacionalismo atavico da nacionalidade daquelle poeta.

Sucedeu-lhe na campanha destruidora dos povos e de suas estructuras psychicas o alumno de Heine, o conhecido Karl Marx (aliás Mardochai, 1818-1883), exilado em Paris e depois na Inglaterra. Com uma das maiores mystificações que jamais houve na historia, graças á cegueira de Napoleão III e á cumplicidade de alguns de seus ministros e secretarios, lançou o germen da lucta de classes envolvendo as "Trade Unions" britannicas com o socialismo avançado do communism, estreante depois nas chacinas, nos saques, nos incendios, violencia, luxuria, fuzilamentos e sangue na Communa de Paris em 1871. Com tudo, houve mais uma significativa coincidencia de, no meio daquelle mar de chamas e montões de

escombros, permanecer intacta e bem velada pela guarda communal, a casa bancaria do ramo parisiense dos Rothschild !

Karl Marx lançará o germen de mais uma discordia para corroer as estructuras nacionaes: a lucta das classes. Procurou por todos os meios proletanizar os povos destruindo as artes e sciencias, amesquinhando o mais possivel o agricultor, verdadeiro receptaculo de amor patrio. Concebeu o socialismo de Estado para realizar o tão sonhado super-capitalismo de grupos raciaes estranhos ás nações, grupos estes que mais tarde comandataria a acção de Seiba Brausnstein, dito Trotzki, na Russia, a dos trahidores de Rathenau na Alemania com Liebknecht, Rex Luxemburg, na Hungria com Bela Kuhn, etc.

Este socialismo que nada mais é que o proprio marxismo tentado em 1789 por Robespierre e Babeuf, em 1848 na Alemania, em 1871 na Communa de Paris em 1917 na Russia, em 1918 na Alemania, em 1919 na Hungria, infiltrou-se na nossa Patria pela propaganda de todos os "trusts" noticiosos e de publicidade. Livros e mais livros difundiam o materialismo historico e literatura barata de capas bombasticas. A psychanalyse freudiana permittia a todo diletante destruir as figuras angulares do nosso passado pequeno mas honroso. Nunca a mentira, a infancia, a mystificação e o plagio agiram com tamanho desembaraço. Não encontravam o obstaculo da verdadeira cultura ante o monopolio do saber provocado pela chusma de obras de professores, literatos, sociologos e mathematicos de uma civilização em choque com a nossa. Em todos sentia-se a preocupação de dissipar nossa unidade brasileira espiritual e cavar a discordia mental nos nossos estudantes. Systematicamente incutiam o veneno asiatico-proximo da mentalidade e da moral dos irmãos de sangue de Karl Marx e seus asseclas do Neva.

Aos poucos tornou-se moda ser socialista ou marxista e communista. O diletantismo se deixou embasbacar pela escroquerie de Remarque em seu livro de combate ao exercito e ao nacionalismo. Seus companheiros trataram de traduzir e levar aquelle trabalho dissolvente aos quatro cantos do mundo e á tela dos cinemas. E na verdade Remarque nunca viu uma trincheira de frente, sempre procurou emprego nas garantidas zonas da retaguarda. Assim o hospital em que

servia lhe deu motivos para escrever a vontade o que pensava e o que sentia. Nunca poderia pensar como alemão a não ser nos balcões do lucro, assim como nunca pensará como suíço. Breve será "francez" para depois ser "americano".

Mas os povos estão accordando e a verdade vem apparecendo lentamente. O comunismo e o marxismo já não contam mais com a alliance do desespero e da descrença da fome, da exploração, da desordem administrativa, do negativismo individualista. Em vão procuram os inimigos das Pátrias, associados em torno das mesas dos conchavos das sociedades internacionalistas secretas, manter a regra de dar os cargos de importância a políticos que nunca procuravam servir á verdadeira democracia e á Pátria soberana.

NOTICIARIO E VARIEDADES

Discurso pronunciado na Escola de Aviação Militar, por occasião da inauguração das photographias dos officiaes mortos em Novembro de 1935

Pelo 1º Tenente Affonso Maglio.

Permiti, senhores, que um modesto soldado, em ligeiras e pallidas palavras, renda um preito de saudades aos insignes patricios que souberam morrer pela Pátria.

O silencio é a forma mais expressiva de se traduzir os grandes sentimentos. E' a propria natureza que nos impõe isso, pois, os cerebros melhores cultivados, lá dos pinaculos da sabedoria humana, descortinando melhor a grande obra do Creador, sentem-se insignificantes e encontram como unico recurso na traducção dos grandes sentimentos, verter uma lagrima — symbolo da grande dôr que lhes trucida a alma, mergulhados no maior mutismo — symbolo do mais sagrado respeito, do mais santificado recolhimento.

Mas, senhores, as lagrimas foram muitas que já derrámos e o silencio tambem está bastante longo, pois nada mais temos feito que chorar as perdas irreparaveis que soffreu a já tradicional, familia da Escola de Aviação Militar. E a idéa desta homenagem postuma que se lhes presta, de inaugurar os seus retratos nesta Escola, veio ao encontro dos desejos mais intimos de todos, razão porque aqui estamos, de coração aberto, embora inundados em ternas saudades, a evocar as grandes personalidades que comosco conviveram proporcionando-nos os mais salutares exemplos de camaradagem — virtude militar tão-bem encarnada por elles e que, de muito concorria para suavizar as vicissitudes inherentes ao nosso mistér.

Não fossem os grandes ensinamentos moraes e civicos que podem ser deprehendidos pela evocação da conducta desses personagens illustres ao perlustrarem a caserna — individualidades essas que ainda — vivem através de seus feitos, todos edificantes e humanos — continuariam no silencio roxo-negro

para o qual fomos levados pelos abalos tremendos que soffremos na tragica manhã de 27 de novembro p. p.

Senhores: — Convido-vos a levantar a vista e encararmos as effigies dos heróes que naquelle tragica manhã, marcaram com sangue a grandiosidade da era que vive a Nacionalidade Brasileira, ao mesmo tempo que demonstravam ao mundo o exemplo mais orgulhoso do verdadeiro soldado do Brasil, na defesa dos mais sadios principios de humanidade, enquadrados na moral christã, escrevendo com esse sangue a mais gloriosa pagina do dever militar.

Ei-los: — Maj. Souza e Mello, Capitães Bragança e Paladine, altaneiros e serenos, espelhando em seus semblantes o mais soberbo e santo orgulho de soldados de Caxias — cujos actos de disciplinada lealdade aos poderes legalmente constituidos e tambem de intelligente respeito hierachico, elles bem comprehendiam e delles faziam o catecismo sagrado pelo qual rezavam milagrosas orações de patriotismo !

Ei-los projectando a expressão mystica que nos faz vibrar de entusiasmo e optimismo pelos grandes destinos da nossa immensa e querida Patria, pela qual davam e deram até o ultimo instante, o melhor do seu eu !

Ei-los a mostrar-nos, com a intensidade da força de verdadeira autoridade, o caminho recto do cumprimento do dever em pról de um Brasil digno de um futuro a altura dos sonhos que elles alimentavam com o fogo sagrado do patriotismo e pelos quaes souberam, como os nossos antepassados, derramar o seu sangue de forma tão honrada quão gloriosa !

— Constituem verdadeiros fócos de luz a nós alumiar a pedregosa mas unica estrada que nos conduz ao apice da gloria;

— São fontes de energias que nos animam a vencer todo e qualquer entrave que possamos encontrar pela frente nesta nossa dura e longa jornada;

— Communicam-nos aquella vibração que nos desperta entusiasmo pela nossa nobre missão e ardor patriotico;

— Irradiam tranquillidade e sabedoria que nos fazem optimistas e por cuja forma nos sentimos mais encorajados a cumprir serenos o nosso sagrado dever:

— de soldados da lei e da ordem.

- de sentinelas alertas da integridade da Patria e da soberania nacional,
- de vanguardeiros da civilisação,
- de guardiões intimoratos do acervo de conquistas materiaes e moraes legadas por nossos antepassados e cuja bagagem cabe-nos enriquecer ainda mais,
- de escudeiros do direito e dignificadores da justiça,
- de orientadores das novas gerações por cujos destinos somos grandemente responsaveis,
- enfim, de abnegados mas orgulhosos servidores e resguardadores de todos os principios que nos conduzem ao objectivo que temos em mira — consolidar tudo quanto nos significa e engrandece, como missão precipua de um Exercito Nacional Moderno !

Fazer-lhe o necrologico, é obra trabalhosa e longa, quando não difficult.

Tive com elles, como quasi todos vós tivestes, convivencia intima, sendo que com um delles, Paladini datava da nossa infancia militar sendo mesmo um dos ensaiadores dos meus primeiros passos nesta vida de duras responsabilidades. Essa longa convivencia deu origem a uma amizade sincera, mas que em nada influirá na imparcialidade que devo ter como uma das testemunhas do seu valor pessoal e da sua individualidade de escol, porquanto a minha formação militar — para a qual elle tambem concorreu com uma bôa parcella de seus esforços — foi feita por mestres que sabiam imprimir um caracter que não permittirá sobrepor á verdade qualquer outro sentimento, mesmo dos mais nobres.

Com os tres heróes tive a insigne honra de trocar idéas em horas difficeis sobre assumpto que nos brotavam no intimo da alma e que se relacionavam com a nossa extremada Patria.

Não foram poucas as vezes que me senti insignificante deante delles, mas ao mesmo tempo envaidecido por merecer da consideração de tão puritanos patriotas algumas palavras de estimulo pelas quaes bem evidenciavam o quanto se dedicavam aos interesses commun da nossa nacionalidade.

A cohesão nacional, a felicidade do povo brasileiro, a grandeza da nossa Patria — tudo isso garantido por um Exercito a altura da sua nobre missão, era o objectivo a conquistar no

desdobramento da acção que pretendiam continuar desenvolvendo como elementos que eram da grande e respeitada comunhão brasileira, e para cuja tarefa sabiam da necessidade de desenvolver um trabalho continuo, ardoroso e disciplinado em um ambiente de salutar harmonia, pois que nenhum trabalho poderia ser proficuo se todos os elementos não se orientassem num unico sentido, sem dispersão de forças. A divisa era: TRABALHAR E MORALISAR.

Tinham a convicção que um Exercito coheso, forte, bem armado, optimamente instruído e extraordinariamente disciplinado, seria sempre um elemento moralizador e constructivo. Por isso que, pela simples acção de presença, pela simples sensação da sua existencia, manifestando-se sempre de uma unica forma, através das vozes autorisadas, impor-se-ia de forma impressionante, e a tal moralidade funcional, em todas as esferas da actividade publica — tão reclamada pelos pioneiros da salvação nacional — seria uma realidade incontestável, propiciando a nossa Nação elevar-se á categoria de maior do mundo.

Eram essas, senhores, de uma forma embora mal exposta por mim, as idéas que bailavam festivamente no cerebro dos nossos camaradas aos quaes prestamos esta significativa homenagem.

Com essas idéas, e tendo o coração em plethora de sentimentos de humanidade e patriotismo, irradiavam elles autoridades e se faziam estimados de forma tal que constituem elos que jamais se partem, nem mesmo nos grandes embates a que todo momento estamos sujeitos — élos esses que devem ligar todos os elementos do Exercito para que elles de facto representem força.

Quanta sensatez nesses nossos saudosos patrícios ! — Que almas possuiam elles ! — Quanto zelo pela coisa publica, inspirando nos sentimentos e indoles da nossa gente tão digna de tamanha dedicação...

Sensibiliso-me proclamando em altas vozes tais qualidades dos nossos leaes camaradas que de forma marcante souberam dar o mais edificante exemplo de cumprimento do dever.

Na busca de conceitos emittidos por seus chefes em vão trabalhei no sentido de encontrar um de maior realce para ser citado, porque são todos igualmente importantes, nelles predo-

minando a exaltação das qualidades de disciplina, de abnegação, amor ao trabalho, comprovado valor militar e lealdade.

Personificavam a disciplina na forma mais expressiva desse princípio.

Sabiam que na quadra em que atravessa a humanidade, cujo grão de cultura se acha muito elevado, embora sujeito em parte ao determinismo histórico — época em que cada um prima em ser responsável por seus actos no conjunto harmonico da sociedade, especialmente com a crescente conquista do livre arbitrio, da direcção absoluta da volição, pelo crescimento do saber, que a disciplina deve ser como preconisam os nossos regulamentos na magestade da sua singeleza de “não se dobrar as regras da mesma, apenas na apparencia, mas sim na persuasão de que a subordinação á ella é indispensável e que a obediencia deve basear-se na convicção e não no temor aos castigos”.

Ahi está a lição para os que, confundindo disciplina com subserviencia, allegam ser a pratica da mesma passividade própria de pusilanimos e sem convicções.

A' essa pretenção morbida e denunciadora de individualismo nocivo, os nossos heróes responderam por actos e de forma incontrovertivel serem pusilanimos os que não têm animo de ser um abnegado em favor de uma causa santa — qual a de proporcionar aos seus semelhantes o bem estar de que elle, o abnegado, também gosará, fóra do ambiente mesquinho e aniquillador do individualismo egoista, uma vez que provado está não se poder viver fóra da sociedade, sem uma hierarchia de valores, como sabeis, por isso que todos os bens que ora desfrutamos nada mais são que a cooperação de todos os elementos dessa sociedade ou seja a integração dos elementos infinitesimales do producto de cada membro da mesma, segundo uma subordinação racional.

Que é isto senão o reflexo da disciplina que definimos?! Pois bem, os nossos homenageados — na convicção de que nada se constrói de positivo, sem estar assente sobre tão solido alicerce, fizeram-se heróes!

Eram profissionaes cheios de fé abrazadora e por isso mantinham sempre presente ao espirito que não poderiam comandar se não soubessem obedecer e que a nobreza do chefe é

igual a do subordinado na consecução da obra *commun* — da qual todos lhe gozarão as vantagens na proporção da cooperação, pois se ao primeiro cabe o orgulho de saber commandar ou dirigir, ao segundo cabe o de haver sabido executar com perfeição.

Sabiam, pois os seus assentamentos dizem — que a autoridade é fornecida pela real ascendência intelectual e moral; — que é indispensável ser-se um exemplo em o qual todos os subordinados possam espelhar-se; que é necessário ser farto em ação quanto comedido em palavras; — ter a noção da relatividade como o senso do justo; — ser um equilibrado e possuir um cérebro pujante, etc. Essas qualidades eram reunidas por elles, que as possuíam — algumas, em franca exteriorização, já produzindo muito, e outras tantas em evidente desenvolvimento no subconsciente pronto a prestarem o seu serviço no plano consciente à proporção que fossem reclamadas.

E ao partirem para a eternidade, deixaram-nos ainda como precioso legado, a experiência comprovadora do conceito contido na expressão do grande General Gamelin de que “um chefe illustre constitue o orgulho de sua tropa”, pois sómente depois de passarem por sobre seus corpos inanimados, conseguiram orientar a ação dos seus subordinados num outro sentido que não aquele por elles traçado, em vista de ser conhecido o orgulho que lhes tinham esses seus commandados.

E assim, corpos estendidos e já sem vida, de olhos fitos no magestoso Cruzeiro do Sul, que estampavam para sempre em suas retinas e encerravam também para sempre em seus cérebros a imagem da Pátria querida, e no coração a affeição que a ella tanto votavam, repousavam para sempre sobre o seu rico sólo, por cujo enriquecimento tanto trabalharam, irrigando-o com seu sangue para florescer magestosa a grande árvore do cumprimento do dever, sob cuja frondosidade as gerações presente e futuras irão colher saborosos fructos.

E assim, prodigalizando ensinamentos, findaram a existência esses sacerdotes da Pátria.

Morreram porque tinham valor e o fizeram com encantamento d'alma, porque assim o exigia a dignidade da Nação.

Passaram ao Pantheon para exemplo da posteridade e orgulho de uma geração.

Deixaram de viver comnosco com a presença physica, mas passaram a viver eternamente com a nacionalidade porque fundaram as suas almas com as de tantos outros heróes com que já conta a nossa opulenta historia para constituir a alma que anima esse colosso da PATRIA BRASILEIRA, sempre engrandecida e respeitada.

BRASIL — como és magestoso com teus filhos !...

O DIA DO SOLDADO

Homenagens á memoria do Marechal Duque de Caxias

Revestir-se-ão, este anno, da maior resplandor e solemnidade as ceremonias civicas militares que o Exercito vae celebrar, em todas as guarnições do País, em homenagem á memoria do grande General e homem publico.

O ministro da Guerra tem-se entendido com todas as autoridades militares, afim de que se revistam de grande brilho a grande consagração militar ao seu illustre patrono e as homenagens que o Exercito lhe vae prestar nos mais remotos pontos do Brasil.

Nesse sentido, o ministro da Guerra vae imprimir á celebração um cunho cívico-militar estimulando a participação do povo nessa manifestação de carácter francamente nacionalista, com o fim de divulgar a obra do grande brasileiro, para que seja mais conhecido e amado pelos que estão na posse e gozo de suas glorioas conquistas.

Além da publicação de um numero especial da "Revista Militar" já determinado ao E. M. E., obedecerá a instruções particulares, o desfile em continencia, na praça Duque de Caxias e o ceremonial para as condecorações da Ordem do Mérito Militar.

Será publicada a saudação ao Exercito, pelo general João Gomes que, para coroar de maior brilho as festividades, baixou ao chefe do E. M. E., o seguinte aviso:

"Por mais brilhantes que sejam as homenagens e manifestações de reconhecimento feitos á memoria do grande Marechal Duque de Caxias, jamais a Nação Brasileira resgatará a divida aberta pelos relevantes serviços que sua inesgotável e immensa dedicação prestou á Pátria.

A vida dos grandes homens do passado constitue um Sacraário a conservar, com reverencia, das influencias e julgamento malsâo que não respeitam as virtudes estoicas desses heróes, nem o symbolismo que suas cinzas significam para a humanidade.

Relembrai-a, examinal-a á luz da critica, quer do sentimento, quer da razão, é uma forma respeitosa de preito e gratidão

á obra imperecivel que encerra além de offerecer preciosos ensinamentos ás gerações contemporaneas e modelar na historia, exemplos classicos para a juventude de amanhã.

Não obstante o juizo apressado de alguns analystas, o Brasil já representa — em todos os sentidos — um dos mais opulentos thesouros da civilização occidental. Nesta realidade, nada cresceu como organização de polypo; mas, ao revés, tudo foi idealizado, tudo foi dirigido e fundado e é o fruto, e a obra da intelligencia, do patriotismo e devotamento de seus filhos.

Não alcançamos, é verdade, a estancia definitiva no domínio dos grandes engenhos do espirito humano, comtudo, a harmonia e continuidade de rythmo com que se desenvolve o complexo brasileiro prenunciam que em breves annos haveremos de provar as delicias do progresso. longe, ainda muito longe, de uma decadencia melancolica...

Em quanto outros povos param estafados e exhaustos á margem dos seus destinos, nós temos todo o systema em organização e o nosso trabalho marcha, caminha para uma realização, que não tardará a ser perfeita, integral e duradoura.

Esta realidade sympathica é obra, em magna parte da imaginação e tenacidade dos nossos antepassados. Esta grandiosidade, que nos deslumbrá e enternece é o producto de suas actividades, da confiança posta nos proprios emprehendimentos, que não eram senão as aspirações geraes da Nação.

Particularmente, o Exercito tem muito de que se orgulhar nos feitos dos seus maiores.

Não é possivel rememoral-os, não é possivel invocar o maior delles que é a formação da unidade patria sem que surjam no seu pensamento — como reflexo da consciencia nacional — os contornos da figura gigantesca do cidadão magnifico Luiz Alves de Lima e Silva, que, como soldado, se tornou o symbolo intangivel de sua classe e como estadista continua a ser o modelo inatingido de seus pares. No pnattheon das glórias nacionaes seu vulto se destaca inconfundivel e as suas virtudes e acções o alcandoram tão alto, tão respeitavel, que, como as sombras tutelares de outros povos, tangencia a propria imagem da Patria.

Inspirado por esta idéa de alta significação nacional e convencido do dever patriotico que lhe cabe de estimular a prática de homenagens civicas ao maior general nascido em terras da America, recommendo que, no corrente anno, a exemplo do que se terá feito até aqui, se revistam da maior solemnidade e repercussão as commemorações festivas do dia 25 de agosto, consagrado ao soldado brasileiro personificado na sua mais alta expressão de valor e virtude — o Marechal Duque de Caxias.

Para imprimir a essa celebração o fulgor de que se deve prestar a melhor contribuição material, providencie para que seja distribuida ás bibliothecas dos Corpos e Repartições e á dos Estados, bem como se facilite sua modica acquisição a todos os officiaes, a sua biographia escripta por Monsenhor Pinto de Campos, mandada reimprimir por este Ministerio, graças ao disprendimento patriotico e ao elevado espirito de renuncia civica dos herdeiros deste saudoso e notável escriptor, os queas, em gesto da mais louvável comprehensão nacionalista, transferiram ao Governo os direitos autoriaes, afim de que se propicie a todo brasileiro, a oportunitade feliz de versar o mais perfeito trabalho até hoje dado á lume, sobre o immortal homem publico.

O Exercito Nacional vê, nessa doação, uma distinção do mais alto apreço e agradece esta dupla homenagem ao seu magnífico patrono e a elle proprio — á illustre familia que tão soberbamente soube conservar as virtudes e o civismo de seus avós".

BIBLIOGRAPHIA

DRAGOENS DE MATTO GROSSO

O Capitão Luiz Barbosa Lima acaba de publicar o opusculo *Os Dragoens de Matto Grosso*. Trata-se de paciente e laboriosa concatenação da historia do actual 10º Regimento de Cavallaria Independente, levada a efecto pelo referido official, quando servia nesse corpo.

Não podemos deixar de ressaltar a louvável intenção do Capitão Barbosa Lima procurando divulgar para as actuaes gerações as paginas immorredouras escriptas nos sertões inhospitos de Matto Grosso pelos corpos que deram origem ao actual Regimento de Bella Vista. A leitura da despretenciosa obra atrahirá para o longinquo e pouco lembrado corpo fronteiriço o carinho, a gratidão e a admiração de todos os bons patriotas de hoje pela herança valiosa de que é depositario inconteste.

O 10º Regimento de Cavallaria é o herdeiro do Corpo de Cavallaria de Matto Grosso e do successor deste, o 1º Corpo de Caçadores a Cavallo. O primeiro lembra o gesto homérico de bravura, de patriotismo e de sentimento da honra militar do seu 1º Tenente Antonio João Ribeiro, a se oppor á Invasão Paraguaya na Colonia de Dourados. A tradição immortalizou esse herói e com elle o seu Corpo de Cavallaria, motivo de orgulho dessa arma valiosa.

E como se não bastasse esse gesto para tornal-o digno da nossa gratidão, vem logo depois a acção destemerosa, heroica e abnegada do 1º Corpo de Caçadores a Cavallo na Retirada da Laguna, em que, com o seu heroico commandante, Capitão Pedro José Rufino, á testa, desvelou-se em arrojo e espirito de sacrifício sem par, para a salvação dos restos da columna brasileira.

gos e, como crêr, aumenta a fé em nós mesmos e na nossa admiração, respeito e reconhecimento pelos nossos antepassados e, como crêr, aumenta a fé e mnós mesmos e na nossa grande Patria.

Ellas fazem as vezes dos estatuarios. Erguem momentos indestructiveis á memoria dos que tudo deram pela Patria

Las dos escuadras se separaron y ambos combatientes se atribuyeron el triunfo.

López decretó medallas para los heroicos combatientes del Riachuelo.

El emperador del Brasil honró, por su parte, al jefe de la escuadra brasileña, almirante Barroso, con una cruz y el título de barón. El piloto argentino Bernardino Gustavino tuvo un papel principal en este combate.

La Prensa, 11-6-36.

O ELOGIO DO EXERCITO

A brilhante conferencia que a Sra. Rosalina Coelho Lisboa realizou, no Instituto Nacional de Música, encerra um esplendido elogio ao glorioso Exercito brasileiro. A grande poetisa mostra, naquella linguagem poetica e colorida, que é verso, mesmo quando quer ser prosa, o que tem sido o papel das forças armadas do paiz no decorrer da nossa historia. Na guerra e na paz, o Exercito tem sido o baluarte vivo do regime e dos destinos da nossa Patria. Vítima de uma insidiosa campanha de difamação, inspirada pelo derrotismo que tanto corrroe e corrompe a nossa mentalidade, o Exercito brasileiro é, entretanto, digno da admiração e do entusiasmo mais irrestricto por parte do povo brasileiro. Quem ouviu a pagina magnifica que é a conferencia de Rosalina Coelho Lisboa, sente orgulho de um Exercito como o que possue o Brasil.

E' necessario — e serve de bom conselho — que a conferencia da Sra. Rosalina Coelho Lisboa tenha a maior divulgação em todo o paiz, para que esse sentimento de orgulho pelo Exercito fique ha consciencia de todos os brasileiros.

Nesta hora grave para a nacionalidade, mais que nunca é indispensavel que tenhamos confiança no Exercito, que é o baluarte maior do paiz.

NOTA — A Defesa Nacional vae envidar esforços para publicar na integra a formidavel oração da querida patricia.

IN EDITORIAL

Experiencias feitas com o caminhão "HENSCHEL" na 2.^a Região Militar, São Paulo

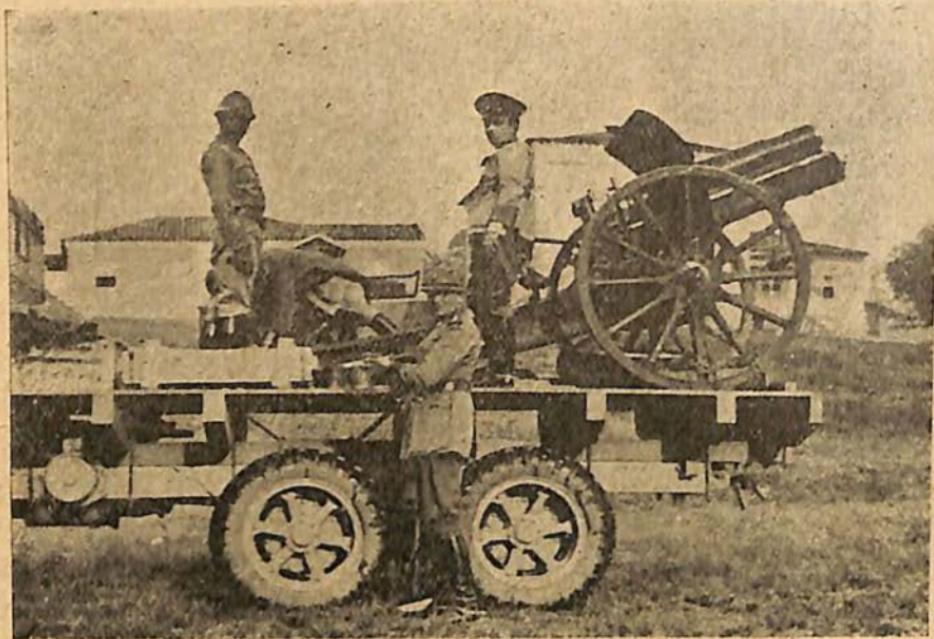


Comissão de officiaes que chefiram as experiencias

Com permissão do Ministerio da Guerra, e sob a direcção de Sr. Tenente-Coronel Carlos Carvalho Abreu, Chefe do S. M. B. da 2.^a Região Militar, foram feitas as experiencias que abaixo passamos a relatar:

Partindo de São Paulo com um carregamento de 5.000 kilos de parallelepipedos foi feita uma viagem de ida e volta até a cidade de Apiahy, na fronteira do Paraná fazendo esse percurso sem accidentes e comprovando uma optima qualidade de material assim como grande potencia de motor. Esse caminhão tem os seguintes caracteristicos: Typo 33 GI') capacidade 5.000 kilos, distancia entre eixos mm. 3.750 + 1.100, comprimento de carroceria mm. 4.922, motor 100 HP, cylindros 6, peso de elahsis kg. 4.730, metragem 28 mts.3, chassis de 3 eixos.

A segunda prova foi feita com uma viagem de ida e volta até a cidade de Itú, transportando um canhão de 105 e viatura



Canhão 105 sobre caminhão "Henschel"

Experiencia de tiro





Em terreno accidentado

por terrenos pantanosos e accidentados encalhando propositalmente o caminhão para com o auxilio de um mecanismo proprio ligado a um ponto de resistencia (arvore) sahir do pantano num espaço de tempo limitado, o que fez satisfactoriamente. Experimentado na prova de tiro foram feitos alguns disparos com a mencionada peça sobre o caminhão provando ser um material de grande resistencia e estabilidade.

Acompanharam as experiencias os Srs. Capitão A. Marcondes, 1º Tenente Marques Netto, e um engenheiro da firma representante cujas photographias tiradas illustram este artigo.

Tratando-se de motorisar a nossa artilharia pelos processos mais modernos, afim de acompanhamos os paizes mais adiantados da Europa, o material experimentado provou que satisfaz plenamente a necessidade, e de acordo com o plano apresentado pelo Sr. Capitão A. Marcondes a sua aquisição poderá ser feita com a importancia dispendida com forragem e animaes necessarios para o transporte do material de artilharia que no prazo de 2 annos estará coberto sem despesa para o Ministerio da Guerra.

The Dunlop Pneumatic Tyre Co.

(SOUTH AMERICA) LTD.

Com SÉDE em São Paulo — Rua 7 de Abril N. 33

FILIAES no Rio de Janeiro — Rua Santa Luzia N. 87

Porto Alegre — Rua 7 de Setembro N. 754

DISTRIBUIDORES em Porto Alegre — Pelotas — Florianopolis — Belém — Joinville — Curityba — Victoria — Bahia — Maceió — Recife — João Pessoa — Natal — Ceará e Pará.

REVENDEDORES em todas as praças do Territorio Nacional.

FABRICANTES DE:

PNEUS E CAMARAS DE AR PARA:

Automoveis,
Caminhões,
Aviões,
Vehiculos de Tracção animal
Motocyclettes e
Bicyclettes.

RODAS E AROS PARA:

Automoveis e Caminhões,
Aviões,
Vehiculos de Tracção animal.

AROS MASSIÇOS

ACCESSORIOS

Sortimento completo relativo a pneus e camaras de ar.

BOLAS DE TENNIS E DE GOLF, RAQUETAS PARA TENNIS

e outros artigos de Sport
e

ARTEFACTOS DE BORRACHA EM GERAL.